

Andréia Carvalho Assunção

**A MEMÓRIA COMO REINVENÇÃO DO VIVIDO”
UM ESTUDO DE CASO SOBRE MEMÓRIA COLETIVA E
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA COMUNIDADE SERRINHA,
FLORIANÓPOLIS (SC)**

Trabalho de Conclusão de Curso
(TCC) da Universidade Federal de
Santa Catarina para a obtenção da
Graduação (Bacharelado) em Ciências
Sociais.

Orientadora: Prof. Dra. Márcia Grisotti

Florianópolis/SC
2012

ANDRÉIA CARVALHO ASSUNÇÃO

**A MEMÓRIA COMO REINVENÇÃO DO VIVIDO:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE MEMÓRIA COLETIVA E
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA COMUNIDADE SERRINHA,
FLORIANÓPOLIS (SC)**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharel em Ciências Sociais” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 16 de fevereiro de 2012.

Prof. Dr. Julian Borba
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a, Dr.^a Márcia Grisotti
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a Maria Soledad E. Orchard
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Fernando Dias de Ávila Pires
Universidade Federal de Santa Catarina

Ao meu Companheiro Marco Perotto,
pelo apoio, amor e incentivo.
Aos meus pais Geraldo Assunção e
Maria Assunção pelo apoio afetivo e
as constantes ajudas e estímulos aos
estudos, gas de classe e meus queridos
pais.

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares Geraldo, Maria, Adriana e Alexandre Assunção que sempre com muito amor e carinho me acolheram e me incentivaram no meu caminho acadêmico.

Ao meu companheiro Marco Perotto pelo incentivo, amor e tolerância nos momentos mais difíceis.

Aos meus amigos Amarelo, Chico e Nino pelos carinhos e lambidas felinas.

Aos amigos de São Paulo Júlia Simone, Rita Fonseca e Judson Cabral que de alguma forma acreditaram e manifestaram apoio ao desenvolvimento desse trabalho.

A todos moradores entrevistados que dedicaram parte de seu tempo de trabalho e descanso para contribuir, de forma significativa, em suas narrações sobre suas trajetórias e histórias da comunidade, especialmente a agente de saúde pela dedicação e incentivo fundamentais à realização desta pesquisa.

A minha amiga Ana Rita por compartilhar todas as angústias e realização na minha trajetória acadêmica.

Aos colegas, Franco, Jaques, Janine e Rochele pelo apoio e colaboração desde o início deste trabalho.

Agradecimento especial à Márcia Grisotti e o Professor Fernando pelo apoio, discussões e orientações na produção deste trabalho.

Aos colegas do ECOS pelas informações compartilhadas e discussões realizadas durante a minha permanência no núcleo de pesquisa.

Aos professores e funcionários do CFH / UFSC pela oportunidade e aprendizado, especialmente, aos membros da banca de qualificação e avaliação final deste trabalho.

Aos colegas e amigos da graduação, especialmente à Ana Rita e Franco Delatorre pelas boas conversas e reflexões políticas durante os cafezinhos e intervalos de aula.

Por fim, agradeço a Adriana Assunção/Marco Perotto pela revisão gramatical final.

Sendo óbvio que habitamos fisicamente um espaço, sentimentalmente somos habitados por uma memória. Memória que é a de um tempo e de um espaço, memória que constantemente se vai acrescentando, e também reduzindo, no interior da qual vivemos, como numa ilha flutuando entre dois mares: um a que chamamos passado, outro a que chamamos futuro. No mar do passado próximo, podemos navegar graças à memória pessoal que conservou lembrança das suas rotas, mas, para navegar no outro passado, no mar do passado remoto, temos de recorrer às memórias que o tempo acumulou, as memórias de um espaço sucessivamente transformado e afinal tão fugidio como o tempo. (José Saramago, Palavras para uma cidade. Folhas Políticas, 1999).

RESUMO

Este trabalho acadêmico, realizado para fins de conclusão do Curso de Ciências Sociais da UFSC, resulta da investigação sobre as percepções e memórias dos moradores da comunidade da Serrinha, situada no Maciço do Morro da Cruz, Florianópolis/SC. A partir das lembranças dos “antigos” da comunidade, a pesquisa apresenta o cotidiano e trajetórias desses habitantes que vivem em um lugar que passa por um processo de Revitalização, obra da Prefeitura Municipal de Florianópolis/SC relacionada com o Programa de Aceleração do Crescimento – PAC, do Governo Federal. No arcabouço teórico utilizaram-se teorias relacionadas com as representações sociais, memória coletiva e alguns conceitos da Antropologia Urbana. Ao final do trabalho, refletem-se as representações sociais apresentadas na narração desses interlocutores aliadas às lembranças que constroem a memória coletiva que estes moradores carregam em suas trajetórias individuais.

Palavras-chave: Serrinha - Florianópolis, trajetórias, cotidiano, memória coletiva e representações sociais.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização da Serrinha, Florianópolis/SC (fonte: Projeto Maciço morro da Cruz - Florianópolis, 2007 e <i>Google Earth</i> , imagem de 09/01/2009)	30
Figura 2 – Vista Aérea da Serrinha nos anos 90 (fonte: Projeto Maciço Morro da Cruz - Florianópolis, 2007)	31
Figura 3 – Vista geral da Serrinha - Contraste dos atrativos turísticos com a precariedade da urbanização (foto: Andréia Carvalho, 2011).....	33
Figura 4 – Croqui de localização das 16 comunidades do Maciço do Morro da Cruz (fonte: Projeto Maciço Morro da Cruz - Florianópolis, 2007).....	35
Figura 5 – Rua Marco Aurélio Homem, próxima da (foto: Andréia Carvalho, 2011)	36
Figura 6 – Ruas íngremes e caminhos estreitos conectam-se às vias por onde circulam carros e a única linha de ônibus que conduz ao Centro (foto: Andréia Carvalho, 2011)	38
Figura 7 – Vista dos bairros Córrego Grande, Santa Mônica e Itacorubi (foto: Andréia Carvalho, 2011).....	39
Figura 8 – Resíduos sólidos (Lixo) dispostos de forma inadequada pelos moradores (foto: Andréia Carvalho, 2011)	41
Figura 9 – Usos e contra-usos do espaço público (foto: Andréia Carvalho, 2011)	46
Figura 10 – Obras de urbanização instalada pelo PAC: pavimentação, drenagem de águas pluviais (seta vermelha), esgoto sanitário e água tratada - CASAN (foto: Andréia Carvalho, 2011)Elementos do trabalho acadêmico.....	48
Figura 11 – Contradições de ocupação: Condomínio fechado dentro da comunidade (foto: Andréia Carvalho, 2011)Elementos do trabalho acadêmico.....	64
Figura 12 – Igreja localizada nas estreitas vias da Serrinha (foto: Andréia Carvalho, 2011).	65

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AST – Ação Social da Trindade

CASAN – Companhia Catarinense de Águas e Saneamento

COMCAP - Companhia de Melhoramentos da Capital (coleta de resíduos)

CFH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas

ECOS – Núcleo de Ecologia Humana e Saúde

IPUF – Instituto de Planejamento e Urbanização de Florianópolis

PAC – Programa de Aceleração do Crescimento

RS – Representações Sociais

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	27
2	PERCURSOS E LUGARES.....	30
2.1	Conhecendo o Campo: A Serrinha e sua trajetória Histórica.....	30
2.2	Um Passeio pela Comunidade: Conhecendo a Serrinha.....	35
2.3	A Cidade e suas transformações: O PAC na Serrinha.....	42
3	O CAMINHO DA PESQUISA: A ESCOLHA DO MÉTODO.....	50
3.1	Delineamento da Pesquisa.....	53
3.2	Técnica de coletas de dados.....	55
3.3	Análise dos Dados.....	56
4	MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	59
4.1	Um Primeiro Olhar: Com os pés na Serrinha.....	60
4.2	A Serrinha revelada pelos seus moradores.....	69
4.3	Algumas considerações teóricas.....	80
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
	REFERÊNCIAS.....	87
	ANEXO I – Roteiro de Entrevista Utilizada nesta Pesquisa	93
	ANEXO II - Questionário aplicado nas Entrevistas.....	94

1 INTRODUÇÃO

Os habitantes da Serrinha, localizada no Maciço do Morro da Cruz, na parte central da cidade de Florianópolis, participam de uma experiência urbana peculiar – as consequências da significativa transformação urbana com as obras do PAC no local. A comunidade expressa este processo de revitalização aliado ao processo de enraizamento e desenraizamento que sustentam a vida social nas grandes cidades. As cidades são palco de uma diversidade de temas a serem pesquisados, discutidos e observados. Temas que vão da mobilidade urbana às religiões, de grupos estigmatizados aos trabalhadores urbanos, assim como as *favelas* e seus percalços.

Esta pesquisa nasceu a partir da intenção de compreender os mecanismos do processo de urbanização da cidade de Florianópolis. Estas transformações urbanas da cidade são perceptíveis através das mudanças em sua forma, por exemplo, a arquitetura açoriana que deu espaço a edifícios que verticalizaram o centro da cidade. Novas pontes, avenidas e rodovias foram construídas para atender a demanda de turistas e novos moradores. Foram realizados aterros, houve invasão de mangues, dunas, áreas de preservação permanente, as quais provocaram significativas mudanças no ecossistema na Ilha de Santa Catarina. Algumas discussões tem sido corriqueiras em relação à imagem da cidade, a qual é vista como um paraíso turístico. Surgiram Projetos de Revitalização de espaços e comunidades anunciados pela Prefeitura Municipal desde 2007 e que teve seu início com a implementação do PAC nas comunidades que compõe o Maciço Morro da Cruz. Nosso interesse é realizar um estudo que compreenda as representações sociais destes moradores a partir destas transformações na comunidade, além de resgatar a memória coletiva dos habitantes da Serrinha através das narrações dos moradores “antigos” da comunidade apresentam em suas lembranças elementos que revelam suas trajetórias pessoais que entrecruzam com o a história da comunidade.

No primeiro capítulo é apresentada a comunidade a partir da sua trajetória histórica e seu contexto social. É dada a forma do local, onde seus habitantes apresentam seus ritmos do cotidiano e o contexto de sociabilidade. São apresentadas as questões que envolvem as transformações e revitalizações que ocorrem nos espaços públicos das grandes cidades. É neste contexto, que o trabalho analisa e discute as obras do PAC e seus desdobramentos e ações previstas na comunidade da Serrinha. Com a proposta de trazer melhorias na infra-estrutura e na

qualidade de vida da população que vive nas comunidades do Maciço do Morro da Cruz. População que ainda sofre com a constantemente falta de energia elétrica, de água, assistência médica, saneamento, violência, discriminação e mantém a esperança, que com essas ações do PAC surgirá soluções concretas, como habitação e segurança para suas comunidades.

O segundo capítulo é e apresentado o contexto teórico e metodológico que dão forma a esta pesquisa. No primeiro momento, é exposta a contribuição da disciplina da Antropologia Urbana na realização de estudos que envolvem as questões encontradas no campo desta pesquisa. A cidade é então discutida e entendida como um amplo campo de possibilidades de pesquisas. São encontradas neste capítulo as etapas que esta pesquisa percorreu o seu desenvolvimento e o seu processo de construção. Foram percorridas as seguintes etapas: Uma pesquisa bibliográfica sobre o tema proposto; levantamentos de dados secundários referente à história da comunidade, urbanização e o projeto do PAC; inserções no campo de pesquisa e abordagem dos possíveis informantes para constituição deste trabalho; realização das entrevistas e visitas à comunidade. Por se tratar de uma pesquisa de caráter qualitativo, foram adotadas para análise das entrevistas as teorias das representações sociais e da Análise do Discurso.

No terceiro capítulo é realizado o adensamento das entrevistas obtidas em campo. A partir da exposição da teoria da Memória Coletiva proposta por Maurice Halbwachs, que nos permitiu entrecruzar as histórias narradas à história da comunidade. Esta teoria contribuiu na compreensão dos aspectos sociais que compõem as lembranças desses moradores “antigos”. A memória remete-se sempre a um grupo, portanto, o indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições. É no contexto destas relações que construímos as nossas lembranças. A partir do conceito de “Comunidade Efetiva” é possível perceber como a lembrança se alimenta de diversas memórias oferecidas por múltiplos grupos, portanto, dificilmente nos lembramos de algo fora de um “quadro social”. A memória coletiva tem uma importante função de contribuir para o sentimento de pertencimento de um grupo de passado comum, que compartilharam cotidianos e histórias vividas, pois garante o sentimento de identidade do indivíduo com o compartilhamento de um campo simbólico. Por fim as considerações finais trazem as principais dificuldades da realização de um trabalho sobre representações sociais, memória coletiva e cotidiano em uma comunidade como a Serrinha.

2. PERCURSOS E LUGARES

2.1 CONHECENDO O CAMPO: A SERRINHA E SUA TRAJETÓRIA HISTÓRICA

Inserida no Complexo Maciço Morro da Cruz, a comunidade da Serrinha teve o seu surgimento aproximadamente há quarenta anos sendo uma das mais recentes comunidades instaladas no Complexo. Atualmente, há algumas publicações referentes à ocupação da região do Maciço do Morro da Cruz, mas sobre a Serrinha há poucas. As pesquisas realizadas sobre a localidade do Maciço Morro da Cruz apontam que algumas de suas comunidades são uma das ocupações mais antigas da cidade de Florianópolis (Figura 01).

Figura 1 - Localização da Serrinha, Florianópolis/SC.



Fonte: Projeto Maciço morro da Cruz - Florianópolis, 2007 e *Google Earth* (imagem de 09/01/2009).

Segundo alguns dados disponíveis na Prefeitura da Cidade, a ocupação do Maciço Morro da Cruz ocorreu no final do século XIX se estendendo ao início do século XX. Poderíamos classificar esta como a primeira fase da ocupação do Maciço. Os primeiros moradores a ocuparem o espaço foram os ex-escravos, soldados vindos da guerra do Paraguai e operários que vieram para Florianópolis para construção da Ponte Hercílio Luz (MARTINS, 2009).

Contudo é na segunda fase de ocupação territorial do Maciço que a Serrinha foi se configurando. Este segundo momento ocorreu entre os anos de 1960 a 1970. A maior parte dos moradores que vieram neste período foram as famílias vindas do interior do Estado de Santa Catarina em busca de melhores condições de vida. Eles se estabeleceram nos espaços livres mais elevados do Maciço, incluindo o território que foi denominado como Serrinha (Figura 2).

Figura 2 - Vista Aérea da Serrinha nos anos 90



Fonte: Projeto Maciço Morro da Cruz - Florianópolis, 2007.

De acordo com a narração dos moradores¹ mais antigos, esta ocupação ocorreu de maneira pacífica e amigável. Parentes e amigos que chegavam à cidade eram recebidos pelos moradores já estabelecidos no local. Há na Serrinha ruas que levam nome da cidade natal desses moradores, como exemplo a Rua dos Lageanos, onde a princípio eram

¹ As percepções dos moradores serão expostas no Terceiro Capítulo, o qual tratará da memória coletiva dos moradores entrevistados.

todos familiares e moradores vindos da cidade de Lages. Neste contexto, a cidade se apresenta como um espaço possível para fortalecimento de *projetos individuais* em um “campo de possibilidade determinado”. Gilberto Velho explica que a possibilidade de existência de *projetos individuais* está relacionada aos contextos sócio-cultural específico. A problemática que ele apresenta é: Quem é o sujeito do projeto? A visão de mundo, normalmente, tem como centralidade a biografia, isto é, a concepção que os indivíduos têm do tempo é bem definida, assim como o *ethos*, o estilo de vida e a organização das emoções. A problemática está na relação dos *projetos individuais*, os espaços e ações sociais que os indivíduos praticam.

Gilberto Velho define Projeto a partir da idéia que não se trata de um fenômeno puramente subjetivo. O projeto é estruturado a partir da inserção dos indivíduos no contexto histórico e cultural. Em todas as culturas “há um repertório limitado de preocupações e problemas centrais dominantes” (VELHO,1999). Importante ressaltar que por mais particular que seja o projeto é preciso ter uma racionalidade cotidiana e que seja cumprida algumas perspectivas desejadas. Gilberto Velho afirma que uma sociologia de projeto tem que ser de alguma maneira uma sociologia da emoção, pois o objetivo do projeto é atribuir um sentido a experiência fragmentadora do indivíduo. Deste modo os *projetos individuais* produzem a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos, isto é, interação entre si dentro de um campo de possibilidades (VELHO,1994). Importante ressaltar que, essa mesma possibilidade de construção de projetos individuais também pauta conflitos geracionais da cidade. Há de um lado, os moradores de uma Florianópolis idealizada para o turismo, repleta de beleza natural e com uma idéia de cidade com alta qualidade de vida, em contrapartida com os moradores que se movimentam de forma oposta buscando na cidade uma oportunidade de trabalho e moradias em locais mais centrais da cidade, onde ofereça acesso à educação e saúde, pois é importante lembrar que muitos lugares no interior do país, o acesso aos serviços básicos como a saúde são muito restritos e precários, assim como as escolas, as quais muitas vezes estão localizadas a quilômetros de distância das moradias (Figura 3).

Figura 3 - Vista geral da Serrinha - Contraste dos atrativos turísticos com a precariedade da urbanização.



Fonte: Andréia Carvalho, 2011.

Houve um terceiro momento de ocupação do Maciço do Morro da Cruz nos anos de 1990. De acordo com relatório da Prefeitura (2007), esta ocupação se deu por famílias que sofreram com as crises econômicas ocorridas na época, o êxodo rural também foi outro fator que contribuiu para o aumento populacional da região. O desenvolvimento, nas proximidades, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) fez com que o bairro passasse a ser habitado por estudantes universitários. O crescimento desordenado da região fez com que a comunidade passasse a enfrentar problemas de infra-estrutura e criminalidade. Segundo os moradores entrevistados nesta pesquisa, é neste momento em que a comunidade da Serrinha passa a se configurar

de outra forma. A violência cresceu consideravelmente e o sentimento de familiaridade com os vizinhos se tornam cada vez mais distantes. Os terrenos que antes eram doados e negociados entre amigos e familiares são agora vendidos por preços competitivos conforme melhor acesso aos serviços públicos, como o Hospital Universitário localizado nas proximidades da comunidade.

Outro fator que contribuiu para o aumento populacional na comunidade e em toda a cidade é o discurso de uma Florianópolis com a melhor *qualidade de vida* do País. De acordo com a pesquisadora Márcia Fantin (2000), a idéia que atraiu esses novos moradores era de unir o útil ao agradável. Pois motivados a pela oferta de emprego com a chegada da Universidade Federal, a instalação da Eletrosul, da Celesc e da Telesc nos anos de 1960, esses “novos moradores” eram também motivados pelo charme da cidade insular com a sua bela natureza. Vieram muitos (e ainda chegam muitos) com essa perspectiva de uma Florianópolis repleta de *qualidade de vida*. Ao pensar em categorizar e conceituar o termo *qualidade de vida* encontra-se uma dificuldade ao conceituá-la somando-a as referentes possibilidades de sua mensuração. Do ponto de vista assistencial, que se utiliza do desenvolvimento tecnológico da prática médica para proporcionar uma análise de bem-estar de pessoas doentes ou idosas, ao modo de contemplar os estudos de morbidade e de mortalidade. Em suma, obtêm-se resultados que podem ser considerados como objetivos e subjetivos. Os dados com indicadores concretos, por exemplo, a taxa de desemprego e a densidade habitacional tratam-se de questões objetivas. Os indicadores abstratos são baseados em informações adquiridas diretamente dos indivíduos que forma a população de estudo. Entretanto, qualquer dos procedimentos relatados visto de maneira isolada não oferece uma estimativa satisfatória para identificação do grau de qualidade de vida de determinada população. A experiência e trajetória pessoal que constitui o estado de satisfação ou insatisfação referente ao local que o sujeito traça a sua *trajetória individual* que é fundamental (FORATTINI, 1991).

Desta forma, a comunidade da Serrinha se apresenta como um espaço repleto de histórias e imagens para um olhar atento do pesquisador, pois através do cotidiano e das formas de sociabilidades nela inseridos pode-se observar a maneira pela qual esses moradores ocupam este espaço dando sentido ao tempo vivido a partir da trajetória de cada um. Descrevemos a seguir o lugar onde se desenrolam todas as histórias relatadas nesta pesquisa.

2.2 UM PASSEIO PELA COMUNIDADE: CONHECENDO A SERRINHA

A Serrinha situa-se na zona central da cidade. Como parte do complexo Maciço Morro da Cruz, traça limites com a comunidade Alto da Caiera do Saco dos Limões (também faz parte das 16 comunidades que forma o Maciço Morro da Cruz)², e com os bairros: Carvoeira e Trindade (Figura 4). A Serrinha é comunidade que está mais próxima da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Isso faz da comunidade um campo constante de pesquisas para os estudantes da UFSC. Além de algumas residências, localizadas na área mais baixa do morro, ocupadas por estudantes e professores.

Figura 4 - Croqui de localização das 16 comunidades do Maciço do Morro da Cruz.



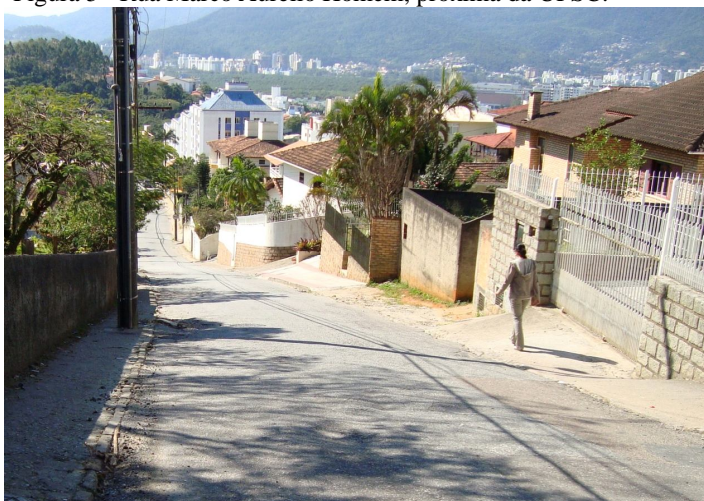
Fonte: Projeto Maciço Morro da Cruz - Florianópolis, 2007.

A principal via de acesso à Serrinha para quem vem do Centro, se dá pela Rua Marcos Aurélio Homem (Figura 5). A subida é bem íngreme e estreita, e é por essa via que passa a única linha de ônibus que liga os moradores da comunidade ao centro da cidade. É também nesta

² As 16 comunidades que formam o Maciço Morro da Cruz são: Morro Mariquinha, Monte Serrat/Nova Descoberta, Morro do Tico-Tico, Morro do 25/Nova Trento, Morro do Horácio, Morro da Penitenciária, Morro da Queimada e Jacatá, Morro do Céu, Vila Santa Vitória, Serrinha, Caiera, Angelo Laporta, Santa Clara, Laudelina da Cruz, José Boiteux e o Morro do Mocotó.

rua que marca uma divisão significativa entre a Serrinha e os bairros Carvoeira e Trindade. É possível chegar a Serrinha pela comunidade da Caiera que faz conexão com Saco dos Limões. Há também outras entradas de acesso à comunidade, mas para entrar por elas é preciso conhecer bem a localidade, pois é uma espécie de labirinto que se cruzam e as ruelas acabam sem saídas. Além de ser a principal via de acesso a comunidade, a Rua Marcos Aurélio Homem abriga a Casa São José ocupa um espaço ímpar na comunidade, é uma entidade não governamental, viabilizada e mantida pela Ação Social da Trindade³.

Figura 5 - Rua Marco Aurélio Homem, próxima da UFSC.



Fonte: Andréia Carvalho, 2011.

³ A *Ação Social da Trindade (AST)* localiza-se ao lado da Universidade Federal de Santa Catarina. Formada pela Igreja Católica, a AST mantém projetos voltados para as comunidades carentes dos bairros *Pantanal*, *Córrego Grande*, *Serrinha*, *Itacorubi*, *Morro do Quilombo*, Trindade, e *Morro da Penitenciária*. Os participantes são todos voluntários e muitos são moradores das comunidades assistidas. Ao total são três casas de atendimento socioeducativo para crianças e adolescentes. Há outros projetos que são voltados para família, gestantes e idosos. Na Serrinha a AST está presente na Creche São Francisco de Assis que foi fundada em novembro de 1981. A Creche atende 150 crianças de 3 meses a 6 anos de idade. Tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento das habilidades psico- motoras e promover às famílias a oportunidade de realizar atividades profissionais. A Casa São José é outro espaço mantido pela Ação Social da Trindade na comunidade da Serrinha.

A Casa São José funciona desde 2003, atualmente ela atende 135 crianças. As atividades desenvolvidas pela entidade são: apoio pedagógico para realização das tarefas escolares, esporte, lazer, produção artística e aulas de informática. A Casa também oferece algumas oficinas para os pais das crianças matriculadas, serve como um espaço de confraternização e reuniões da associação dos moradores. Como a comunidade não possui muita área de lazer – muitos moradores reclamam da falta deste espaço na comunidade - a Casa São José torna-se uma opção para realização de encontros festivos e comemorativos. Existe, atualmente, apenas um campo de futebol. A opção para alguns moradores são as quadras esportivas da Universidade Federal de Santa Catarina, mas o local é disputado pelos moradores dos bairros do entorno. Muitos moradores gostariam de uma praça, onde possam brincar com segurança com as crianças da comunidade.

Com apenas uma linha que liga os moradores da Serrinha ao centro e outras localidades, a questão do transporte público ainda é um problema para comunidade. Para os moradores o ônibus é o principal meio de locomoção, pois se locomover a pé ou de bicicleta torna-se dependente de grande esforço físico, pois a comunidade está localizada em um morro com caminhos íngremes (Figura 6). A espera do ônibus dura cerca de 50 minutos nos dias da semana e 1 hora aos sábados, domingos e feriados. Dificultando a vida desses moradores no seu cotidiano. Os comércios não são muitos. Mercados e bares pequenos e caracterizados por oferecerem uma multiplicidade de produtos. Os bares não se restringem apenas em vender bebidas e ser um espaço de encontros, mas também oferecem mercadorias, como alimentos que costumam ser achados em mercearias. Ao total são 11 bares, 6 mercados, 3 lojas e 3 salões de beleza. Não há na comunidade nenhuma farmácia (CONEXÕES DE SABERES, 2007).

Figura 6 - Ruas íngremes e caminhos estreitos conectam-se às vias por onde circulam carros e a única linha de ônibus que conduz ao Centro



Fonte: Andréia Carvalho, 2011.

Há uma divisão territorial significativa dentro da Comunidade. A Serrinha pode ser dividida basicamente em três partes: A parte baixa, a parte alta e a parte que se tem acesso ao bairro da Carvoeira. Além destas três partes há a presença de um Condomínio Fechado localizado na parte baixa da comunidade para lado direito sentindo Carvoeira – Serrinha. Observar este Condomínio dentro da comunidade permite-nos a perceber que se trata de um cenário isolado do todo. Formado por apenas uma rua calçada e plana, as moradias possuem um padrão que destoa das outras moradias ao redor. Esse fenômeno de espaços residenciais fechados insere verdadeiros “enclaves fortificados” (CALDEIRA, 2000) na paisagem, onde muros e portões representam novas determinações de segregações sociais. Teresa Caldeira (2000) refere-se à construção de muros na cidade como estratégias que estabelecem diferenças, impõe divisões e distancias, constroem separações, multiplicam regras de evitação e exclusão e restringem os movimentos (CALDEIRA, 2000:09).

Contudo, a segregação social/espacial existente na Serrinha não se restringe somente a questão deste Condomínio Fechado. Há dentro da comunidade uma divisão significativa entre “duas Serrinhas”. Uma mais próxima e vinculada ao bairro da Carvoeira, onde a maior parte dos moradores são estudantes e professores vinculados à Universidade

Federal de Santa Catarina, e a outra está situada na parte de cima do Morro, logo após a Casa São José. Este último, ainda possui outras divisões que estão vinculadas aos “patrões”⁴ do morro.

Devido à elevada altitude a comunidade possui uma vista privilegiada da cidade. Do alto percebem-se as contradições da cidade. As voltas da comunidade estão presentes edifícios e casas de médio a alto padrão, o campus universitário, shopping, mercados, entre outros tantos estabelecimentos de uma cidade urbanizada. A Serrinha está tão perto e tão longe da infra-estrutura que a vida urbana oferece aos seus moradores (Figura 7).

Figura 7 - Vista dos bairros Córrego Grande, Santa Mônica e Itacorubi



Fonte: foto: Andréia Carvalho, 2011.

Na parte central da comunidade está localizada uma das caixas d'água da Companhia de Água e Saneamento - CASAN (Figuras 1 e 2). Há relatos que no início os moradores não tinham acesso ao abastecimento da água tratada da CASAN. De acordo com os dados do

⁴ Patrão do morro é uma categoria nativa para se referir aos traficantes que lideram o tráfico de drogas na região. A intenção desta pesquisa não é investigar a constituição do crime organizado nas comunidades da cidade. Contudo, como o trabalho trata do cotidiano e memória coletiva dos moradores esta temática está inserida em muitos diálogos dos informantes da pesquisa.

projeto *Conexões de Saberes*⁵, 96% dos moradores da comunidade afirmam que hoje, a procedência da água que abastece suas residências é da CASAN. Contudo, não foi sempre assim. Pesquisas realizadas no local apontaram que somente algumas das residências possuíam o serviço regularizado e revelam que havia muita “água desperdiçada por vazamentos e risco de contaminação, considerando a precariedade na maneira como são feitas tais ligações, a má qualidade dos materiais utilizados e o fato das mangueiras percorrem um longo trajeto até chegar às moradias, passando muitas vezes por córregos contaminados e outros locais insalubres. Além disso, em alguns casos, a água coletada é bombeada para chegar até as residências mais altas, passando por um reservatório (no caso, uma caixa d’água), que pode ser considerado outro foco de contaminação” (CONEXÃO SABERES – Pg 13).

Portanto, ha pesquisas que revelam que havia aproximadamente 65% casas abastecidas por ligações clandestinas. Essas ligações eram feitas na adutora da caixa d’ água localizada na comunidade. A situação foi regularizada recentemente com as obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) que realizou instalações de registros de água nas casas da comunidade (Figura 10).

A Serrinha também possui, atualmente, um dos principais acessos aos veículos de comunicação da cidade. A 219 metros de altitude estão localizadas as emissoras de TV, como: RBS TV, Record News Canal 6, RIC Record Canal 4, TV Cultura, e Radio, como: Atlântida, Itapema, entre outras. Importante ressaltar que estes veículos de comunicação estão localizados no centro da Área de Preservação Ambiental, especificada no Plano Diretor do Município. Temos, portanto, outra contradição, pois a pauta de ocupação irregular do Morro do Maciço da Cruz é discutida somente para os moradores.

Em 1993 o IPUF (Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis) realizou um estudo, o qual constatou a presença de 199 habitações, totalizando 735 habitantes. As moradias eram feitas em madeiras de caixaria ou madeirite, cobertas por lonas plásticas ou pedaços de telhas de fibrocimento, o banheiro das residências eram localizados predominantemente na parte externa do terreno e o esgoto era lançado no solo ou a céu aberto. O espaço de cada casa era em média de 15m². Atualmente, a Serrinha abriga aproximadamente 1500 famílias. As casas de madeiras deram espaço para moradias de alvenaria e houve um crescimento vertical da comunidade. As casas são todas bem próximas e o limite entre elas são quase imperceptíveis. Os moradores

⁵ O projeto Conexão de Saberes será abordado com mais detalhe no capítulo II.

afirmam que, hoje cerca de 70% tem seu esgoto tratado. Ao caminhar pelas ruas estreitas e as escadarias que dão forma a comunidade, é possível perceber a segregação urbana e desigualdade social presente no local. Ainda há problemas como a iluminação pública que é deficiente, ruas ainda sem calçamento. As novas ruas ainda são muito estreitas e sem calçadas oferecendo riscos aos transeuntes do bairro.

Outros problemas básicos atravessam o cotidiano desses moradores como o lixo e a água contaminada. Há muito lixo espalhado na parte de cima da Serrinha. Foram colocadas lixeiras para coletas apenas na parte de baixo da comunidade e nem todos os moradores carregam seus lixos para estes cestos coletores (Figura 8).

Figura 8 - Resíduos sólidos (Lixo) dispostos de forma inadequada pelos moradores.



Fonte: Andréia Carvalho, 2011.

São estes contrastes que estão em torno da comunidade que a Serrinha vai tomando a sua forma e traçando a sua história e a de seus moradores. Os habitantes da Serrinha vivem no ritmo das contradições que os cercam inserindo-os na complexidade do viver urbano.

2.3 A CIDADE E SUAS TRANSFORMAÇÕES: O PAC NA SERRINHA

A idéia de cidade enquanto lugares que agregam pessoas de diversas procedências interagindo cotidianamente proporcionam substratos para uma pesquisa de Antropologia/Sociologia Urbana, onde é possível realizar um estudo das sociedades complexas contemporâneas mostrando como a coexistência de distintas trajetórias, visões de mundos, estilo de vida nos territórios urbanos, criam uma ampla combinação e possibilidades de habitar a cidade.

De acordo com Magnani (1996), as cidades são um espaço privilegiado repleto de experiências das mais variadas procedências, pois há habitantes oriundos de várias localidades cobertos pela riqueza de suas tradições culturais e a variedade de seus modos de vida, deste modo, a cidade possibilita incontáveis trocas e contatos, além de fortalecer representações que classificam *ethos* do trabalho, “com a formalidade das relações impessoais, o anonimato da vida cotidiana. A desigualdade social, a violência – desde a poluição sonora e visual até a criminalidade, passando pelas conhecidas e gritantes contradições urbanas, são outros fatores presentes quando se avalia a qualidade de vida que oferece” (1996:06). A cidade apresenta as suas dicotomias, onde o antigo e o moderno, o conhecido e a novidade, o tradicional e a vanguarda, a periferia e o centro, fazem da cidade um espaço que cria modos e padrões culturais variados, os quais mantêm os vínculos de sociabilidade e relacionamento aliados aos arranjos que seus habitantes fazem nela para viver (MAGNANI, 1996).

A cidade de Florianópolis que até os meados dos anos de 1970 era adjetivada como uma cidade pacata e provinciana, contudo, a partir de um crescimento urbano desordenado, atualmente, Florianópolis agrega outros adjetivos que apontam para transformações urbanas facilmente perceptíveis, por exemplo, a arquitetura açoriana que deu espaço aos edifícios que verticalizaram o centro da cidade. Novas pontes, avenidas e rodovias foram construídas para atender a demanda de turistas e novos moradores. Foram realizados aterros, houve invasão de mangues, dunas, áreas de preservação permanente, as quais provocaram significativas mudanças no ecossistema na Ilha de Santa Catarina (FANTIN, 2000). Algumas discussões tem sido corriqueiras em relação à imagem da cidade, a qual é vista como um paraíso turístico. Muitos questionam este modelo de urbanização adotado para atender uma demanda de turistas e novos moradores que cresce a cada ano.

O discurso que acompanha o crescimento urbano na cidade está voltado para uma divulgação de uma Florianópolis tranqüila mesmo com os impactos dessas transformações urbanas e o aumento populacional que aumenta a cada ano na cidade. Diante deste processo de urbanização na cidade de Florianópolis deparamos com a questão das *favelas/comunidade* na cidade. Os estudos sobre *favelas* são bem corriqueiros no campo das ciências sociais. A partir da década de 1960, vários trabalhos foram produzidos sobre o tema *favela* (Perlman 1977; Valladares 1978; Leeds & Leeds 1978). É no final do século XIX que a pobreza urbana começa a chamar atenção das elites e profissionais ligados à imprensa, literatura, medicina entre outros que passam a descrever e pensar medidas de combate à pobreza e à miséria. “Na origem desse conhecimento impunha-se uma finalidade prática: conhecer para denunciar e intervir, conhecer para propor soluções, para melhor administrar e gerir a pobreza e seus personagens. A ciência a serviço da racionalidade e da ordem urbana, da saúde do país e de sua população” (VALLADARES, 2000). No Brasil, os primeiros registros de moradias em condições mais precárias foram os cortiços. Caracterizados por habitantes que se concentravam em grandes números, havia trabalhadores e malandros, estes considerados como “classe perigosa”. Era considerado um espaço denominado como “inferno social”, pois além de serem considerados lugares que concentravam muitos desocupados e marginais era também um lugar repleto de epidemias que ameaçavam às ordens morais e sociais. Na cidade do Rio de Janeiro, através de uma medida “higienista” os cortiços foram “perseguidos” na cidade. A proposta era sanear e civilizar a cidade e extinguindo as habitações que fossem contrárias as habitações padrões e higienizadas. Muitos pesquisadores atribuem que o cortiço correspondeu à “semente da favela” (VALLADARES, 2000).

Ao se construir a idéia de *favela*, conseqüentemente, foi imposta a imagem de um reduto da pobreza, espaços desordenados e improvisados, onde moram “mendigos [...], capoeiras, malandros, vagabundos de toda sorte, mulheres sem arrimo de parentes, velhos dos que já não podem mais trabalhar, crianças, enjeitados em meio a gente válida [...], sem ajuda de trabalho, verdadeiros desprezados da sorte [...]” (EDMUNDO, 1938 - p. 252). As *favelas* passam a ser consideradas por muitos “ilegais”. As suas estruturas costumam ser muito diversificadas, é vista como espaços “desorganizados” que contrariam padrões de urbanização e organização espacial da cidade. A estética é outro ponto que surge na pauta das discussões que envolvem as questões urbanas. Nasce o urbanismo nos anos de 1920. Surge uma nova concepção

urbanística que valoriza ações higienista e embelezamento da cidade. A favela torna-se uma grande perturbação por oferecer problemas como moradias, saneamento e “desorganização espacial” (VALLADARES, 2000).

Os projetos de revitalização urbanas nas grandes cidades são muitos, tanto quanto os estudos sobre os rumos e as consequências do processo de urbanização em andamento. Questões como colapso do sistema de transporte, as deficiências do saneamento básico, falta de moradia, o aumento dos índices de poluição e da violência, são um dos fatores que contribuem para realização de um projeto de revitalização urbana.

O processo de revitalização urbana contemporânea pode ser utilizado como exemplo compreendermos como ocorrem as transformações nos espaço público. Rogério Proença Leite (2002) trabalha essa questão a partir das transformações que ocorreram no Bairro do Recife Antigo. Uma das intervenções do projeto era a intenção de transformar o espaço em um lugar segregado e mais limpo. Assim como a maioria dos projetos desta natureza. Entretanto, isso poderia acarretar em um esvaziamento do sentido público desses espaços urbanos, acabou ocorrendo um uso e contra-uso inverso do planejado. Esses usos e contra-usos competem contrariamente para reascender o que configura o espaço público. Proença Leite classifica o *uso* como algo esperado, isto é, como a população deveria utilizar o espaço revitalizado, mas como o lugar já carrega a sua história e tradição dos moradores que ali freqüentam ocorre o que Leite classifica de *contra-uso*, onde a população caracteriza e utiliza o espaço revitalizado conforme a tradição e costumes que ali eram praticados (Figura 9).

Proença Leite faz uma explicação das diferenças entre o que é espaço urbano e o que é o espaço público. O espaço urbano é antes uma “*public property*” (Gulick, 1998), onde podem ocorrer práticas sociais, ou não, mas é o que caracteriza uma dimensão política dos espaços públicos. O espaço urbano só poderá ser constituído em um espaço público, se houver certas configurações espaciais e um conjunto de ações compatíveis. Os espaços urbanos se caracterizam como locais, onde as diferenças se confrontam politicamente. A diferença entre espaço público e o urbano se dá principalmente na questão da extensão sociológica do espaço público, quando o compreendemos a partir dos usos das ações que lhe atribui sentido. Portanto, Proença Leite (2002) sugere que podemos compreender o espaço público como uma categoria construída através da interconexão de conceitos relacionados à esfera pública. O espaço urbano, ele define como algo que ultrapassa a rua, isto

é, algo como uma dimensão “socioespacial” da vida urbana, a qual sua principal característica é as ações que atribuem sentidos a determinado espaços da cidade. De acordo com Delgado (1999), o espaço público se modifica de forma substantiva, as quais muitas práticas que lhe são próprias se apresentam em crise. Delgado (1999) compreende a sociedade urbana como constituída de lugares/pontos distribuídos em uma estrutura espacial. O espaço público é o que constitui a *urbs*, um espaço paradoxal e aberto, no sentido de predisposto a conhecer e criar informações, experiências e novas finalidades, e a concretizá-las. Quanto às relações que se desenrolam no “espaço público” Delgado aponta que não compõe um sistema organizador, mas sim por uma profusão de confusões relacionais (DELGADO, 1999).

O espaço público é, pois, um território desterritorializado, que passa o tempo reterritorializando-se e voltando a se desterritorializar, que se caracteriza pela sucessão e amontoamento de componentes instáveis. São nessas arenas movediças que se registra a concentração e o deslocamento das forças sociais que as lógicas urbanas convocam ou desencadeiam, e que estão cronicamente condenadas a sofrer todo tipo de composições e recomposições, ao ritmo lento ou em sacudidas. O espaço público é reterritorializado também porque em seu seio tudo o que ocorre é heterogêneo: um espaço esponjoso no qual apenas nada merece o privilégio de permanecer (Delgado, 1999, p. 46).

Figura 9 - Usos e contra-usos do espaço público



Fonte: Andréia Carvalho, 2011).

A comunidade da Serrinha passa explicitamente por um processo de revitalização e transformação do seu espaço público. Desde 2008 foi implantado na comunidade o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). O PAC foi anunciado pelo governo federal brasileiro em 2007, a idéia deste programa consiste em um conjunto de medidas destinadas a incentivar o investimento privado; aumentar o investimento público em infra-estrutura; e remover obstáculos (burocráticos, administrativos, normativos, jurídicos e legislativos) ao crescimento do país (BRASIL, 2007). O Programa apresenta três eixos de infra-estrutura: *logística* (rodoviária, ferroviária, portuária, hidroviária e aeroportuária); *energética* (geração e transmissão de energia elétrica, petróleo, gás natural e energias renováveis); *social e urbana* (Luz para todos, saneamento, habitação, metrô, recursos hídricos). No total estão previstos investimentos da ordem de R\$ 503,9 bilhões até 2016.⁶

A previsão da divisão dos recursos foi pautada em reuniões com representantes do governo. 12 Regiões Metropolitanas, capitais e municípios com mais de 150 mil habitantes foram escolhidas. Para escolha das regiões beneficiadas pelo projeto foi utilizado os seguintes critérios: Projetos de grande porte com impacto na articulação e integração do território; recuperação ambiental; eliminação de

⁶ <http://www.cidades.gov.br/secretarias-nacionais/secretaria-de-habitacao/pac>, em 15.12.2011.

obstáculos da infra-estrutura logística, por exemplo, as ocupações em áreas de aeroportos, portos e ferrovias; prevenir e/ou aliviar os impactos de grandes instalações de infra-estrutura nacional; complementação de algumas obras (BRASIL, 2007).

A implementação do PAC em Florianópolis ocorreu a partir de estudos das políticas habitacionais da cidade e teve seu início efetivo no início de 2008. A inclusão deste projeto viabilizou realizações de obras planejadas pela Prefeitura para atender as demandas da região do Maciço Morro da Cruz para melhorias na infra-estrutura das áreas de ocupações irregulares. Em 2005 um projeto que antecede o PAC, diagnosticou algumas demandas dos habitantes das 16 comunidades do Maciço. A partir de reuniões comunitárias e visitas nas comunidades surgiram ações destinadas às áreas de risco, através da elaboração do Plano Municipal de Redução de Riscos juntamente com a aprovação da Lei Municipal de zoneamento e a criação do Parque Urbano do Morro da Cruz⁷.

As principais obras do PAC previstas para as comunidades do Maciço são de infra-estrutura em conjunto com ações sócio-educativas, de geração de emprego e renda, organização e mobilização comunitária, educação sanitária e ambiental. No espaço reservado para sede do Parque Urbano haverá um centro de reciclagem, espaços para eventos, oficinas de educação ambiental e sanitária. A Administração Pública Municipal apresenta as principais preocupações em dois eixos: a segurança de áreas de risco e a legalização de lotes e moradias irregulares.

Na comunidade da Serrinha, as obras do PAC iniciaram no primeiro semestre de 2008, logo após o lançamento do Programa. Neste processo de urbanização e revitalização do bairro, ruas novas foram construídas, instalação de esgoto foi feito, relógios de água e luz foram instalados, portanto, há um novo cenário na comunidade (Figura 10). Entretanto, muitas destas obras foram realizadas pelos próprios moradores através de mutirões organizados pelos representantes da Associação de moradores.

⁷ Parque Urbano do Morro da Cruz – É um projeto com o propósito de preservar a vegetação nativa existente na região com projetos que visa desenvolver a reeducação dos moradores e visitantes oferecendo possibilidade de uma mudança de habito para melhor convívio com a natureza.

Figura 10 - Obras de urbanização instalada pelo PAC: pavimentação, drenagem de águas pluviais (seta vermelha), esgoto sanitário e água tratada - CASAN



Fonte: Andréia Carvalho, 2011.

Para compreender a Serrinha como objeto de estudo desta pesquisa, consideramos a definição de “espaço público” aqui apresentado, como um lugar onde ao mesmo tempo em que reconhece suas características instáveis e incompletas, também permite a possibilidade de encontrarmos regularidades e organização elaboradas pelos atores que ali habitam. Um lugar onde se fazem e desfazem “associações humanas”. Com esta característica do espaço inacabado sujeito a diversas modificações é possível estudar esta comunidade a partir das perspectivas dos seus moradores abordando a implementação do PAC e entrecruzar com a memória coletiva dos entrevistados sobre a história da comunidade da Serrinha.

3. O CAMINHO DA PESQUISA: A ESCOLHA DO MÉTODO

Neste Capítulo é apresentado o contexto teórico e metodológico que circunda as discussões apresentadas neste trabalho, além de serem apresentados os principais conceitos utilizados na construção da análise e compreensão das informações observadas e descritas no campo de pesquisa. A priori, será realizada uma breve apresentação do desenvolvimento e estudos que culminaram no surgimento das disciplinas de antropologia e sociologia urbana, cuja principal característica é ter como interlocutores *outros* que compartilham o mesmo ambiente que o pesquisador, ou seja, as cidades.

As cidades, mais especificamente as grandes metrópoles, tornaram-se alvo de interesses de pesquisas e reflexão a partir da segunda metade do século XIX, quando diferentes pensadores de múltiplas áreas do conhecimento passaram a se dedicar de maneira mais sistemática à reflexão e pesquisa sobre as dinâmicas urbanas, sejam elas antecedentes ou contemporâneas destes pesquisadores. Seja nas obras literárias que muito encontramos percepções que nos auxiliam na análise de significados e experiências vividas e narradas nas cidades de literatos como Balzac, Dickens, Proust, Eça de Queiroz e Machado de Assis, seja nas pesquisas sociais. “A cidade é um dos palcos e desafios principais para essa busca de compreensão e conhecimento da sociedade moderno-contemporânea. Não chega a ser surpreendente que isso tenha se dado paralelamente ao desenvolvimento da própria antropologia como um todo que, de início, pelo menos no que toca a certas linhagens clássicas, voltou-se para o estudo do mais distante e do, aparentemente, exótico e remoto” (VELHO, 2009 – pg. 11).

José Guilherme Cantor Magnani em seu artigo *Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole*, nos revela os caminhos que os antropólogos percorreram para abordar as questões que envolvem as grandes cidades. “A Antropologia, lá ou cá, na floresta ou na cidade, na aldeia ou na metrópole, não dispensa o caráter relativizador que é a presença do *outro* possibilita” (Magnani, 1996). Magnani segue a mesma linha de Velho e Machado da Silva (1978) que sustentavam que a antropologia, tanto na cidade quando na sociedade tribal, era o estudo da organização, dos símbolos, das estratégias de vida e da solução de conflitos. Urbanidade ou ruralidade seriam somente contextos.

O interesse em estudar a cidade, isto é, entender as dinâmicas da vida urbana como forma analítica e etnográfica pode-se dirigir-se a

Escola de Chicago⁸, a qual atribuiu uma identidade à disciplina de Antropologia/Sociologia Urbana. De acordo com Homobono (2000), a escola foi precursora da etnologia urbana, a metodologia analítica que criou os estudos de caso e etnografias em âmbito urbano destacando os estudos de recomposição de grupos humanos em função de sua origem, atividades da vida urbana ou seu contexto. A Escola de Chicago também foi precursora na aplicação de métodos qualitativos e comparativos peculiares a antropologia, a partir da constatação de que a característica da cultura urbana é a inexistência de uma realidade dotada de uniformidade (Delgado, 1999, p. 28). É indiscutível a riquíssima contribuição do sociólogo alemão Georg Simmel para os estudos de várias gerações⁹. Ao abordar sobre questões que envolvem a vida na cidade, G. Simmel apresenta a perspectiva da relação entre o indivíduo e a metrópole, da influencia da grande cidade moderna na personalidade e na vida mental dos seus habitantes.

No Brasil as pesquisas sobre cidades tomam fôlego a partir dos anos de 1970. A cidade torna-se alvo de pesquisa de uma geração de antropólogos dedicados a compreender os grupos urbanos até então pouco explorado. Influenciados pelas correntes teóricas das seguintes escolas: Escola Sociológica de Chicago, Escola Antropológica de Manchester e a Escola Marxista Francesa de Sociologia Urbana. As pesquisas são direcionadas a partir de uma etnografia urbana que busca analisar o sujeito urbano e seu modo de vida, organização social e suas representações coletivas. podemos destacar alguns pesquisadores como Gilberto Velho, Roberto Damatta, José Guilherme C. Magnani, Cornélia Eckert e Ana Luiza Carvalho Rocha, entre outros. Estes pesquisadores

⁸ Escola de Chicago é um nome dado ao grupo de pesquisadores interessados em entender as dinâmicas urbanas com membros do Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago. As atividades ocorreram de forma mais intensa no período que vai da Primeira Grande Guerra até os anos de 1930 (Magnani, 1996, p. 07). A Escola de Chicago produziu trabalhos de etnologia urbana, da cidade como modelo espacial e ordem moral, que constituem um verdadeiro inventário da modernidade; grupos sociais e territórios, segregações raciais e culturais, desvio/integração, mobilidade e redes de relações, mentalidades e sociabilidade. (Homobono, 2000, p. 16).

⁹ As obras de G. Simmel se destacam em diversos temas, como: dinheiro e mercado, individualismo, conflito, sociabilidade, música, prostituição, aventura e aventureiros, culturas subjetiva e objetiva, grupos e redes, cultura feminina, formas sociais, ponte e porta, destino, rosto, paisagem, alimentação, estética, arte em geral.

ajudaram a elaborar conceitos importantes para constituição da antropologia urbana no Brasil.

A metodologia utilizada permanece a etnografia já utilizada pela antropologia. É com os textos etnográficos que a antropologia urbana trabalha para identificar o trabalho de campo em geral compondo um conjunto de técnicas e métodos para fazer a pesquisa. Uma das principais características do texto etnográfico é a troca contínua que busca modelos compreensivos como resultados de uma pesquisa específica que transita entre as teorias dos nativos e as teorias e explicações do pesquisador (Magnani, 1996).

A cidade se apresenta com uma diversidade de temas a serem pesquisados, discutidos e observados. Temas que vão de mobilidade urbana às religiões, de grupos estigmatizados aos trabalhadores urbanos, assim como favela, festas, migrações entre tantas outras temáticas da vida urbana. Assim como apontam abaixo as pesquisadoras Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert:

“a vida cidadina é, portanto, agitada, vertiginosa mesmo, ou monótona e repetitiva, dependendo da adesão ou não dos seus habitantes aos tempos e espaços vividos, ritmados pelos movimentos incessantes das imagens de cidade que habitam seus pensamentos em constante mutação. Descrever a cidade, sob um tal ponto de vista, é conhecê-la como locus de interações sociais e trajetórias singulares de grupos e/ou indivíduos cujas rotinas estão referidas a uma tradição cultural que as transcende. Conhecer uma cidade é, assim, não só apropriar-se de parte de um conhecimento do mundo, ou seja, os saberes e fazeres dos habitantes e o que conheço desta experiência de pesquisa junto a eles, quanto desvendar o conhecimento na busca de situar meu próprio ser em relação ao ser do Outro na cidade”(Rocha & Eckert, 2003 – pg. 1)

Deste modo, realizar uma pesquisa na cidade oferece um arsenal de possibilidades de diversos olhares sobre as transformações aceleradas, os diversos estilos de vida e os lugares onde estão enraizadas as memórias e as experiências coletivas de seus moradores. Realizar uma pesquisa em uma comunidade como a Serrinha possibilita-nos abrir espaços para discussões e reflexões sobre as diversas formas do viver

urbano e suas infinitas maneiras de ocupação espacial e utilização dos espaços públicos.

3.1. DELINEAMENTO DA PESQUISA

A idéia de realizar uma pesquisa na comunidade da Serrinha surgiu logo após o primeiro contato com uma das moradoras da localidade, a C.¹⁰. A princípio a intenção era realizar um estudo sobre processo de urbanização na cidade de Florianópolis, devido o aumento populacional e estrutural da cidade. Ao conhecer a Serrinha e observar as recentes mudanças estruturais no local foi possível desenhar um projeto que agregasse as diferentes formas do viver urbano diante de um processo de revitalização e seus impactos no cotidiano desses moradores.

No início seriam estudados somente os impactos que as obras do PAC trouxeram para a comunidade. Contudo, logo após a primeira saída de campo, a agente de saúde que nos acompanhava nessa visita sugeriu que fosse realizado um trabalho, o qual reunisse histórias da comunidade contadas por seus habitantes. Há uma carência da comunidade por um trabalho que retrate o seu dia-dia e memória do local, pois muitas pesquisas foram realizadas ali, mas nenhuma abordaram esta questão. Há significativas pesquisas e projetos realizados na Serrinha. O projeto que permaneceu mais tempo é o *Conexões de Saberes: diálogos entre a universidade e as comunidades populares* desenvolvido entre os anos de 2006 a 2008 com apoio da Universidade Federal de Santa Catarina¹¹. Atualmente (desde o primeiro

¹⁰ A primeira informante chave desta pesquisa que será apresentada no capítulo III. Todos os moradores citados neste trabalho serão identificados pelas suas iniciais.

¹¹ Este programa desenvolveu projetos de extensão com atividades focadas no âmbito Cultural, Direitos Humanos, Educação, Meio Ambiente, Trabalho e Saúde. Os trabalhos realizados tinham como objetivo principal desenvolver ações que contribuíssem para uma transformação da realidade da comunidade estreitando os vínculos com as instituições acadêmicas. Os projetos idealizados pelo *Conexões de Saberes* incluíram as seguintes ações: Capacitação dos Agentes Comunitários, os quais receberam orientações sobre meio-ambiente, saúde e cidadania; Produção cartográfica que contribuiu com a produção de mapas temáticos da comunidade da Serrinha, estes mapas também serão utilizados para produção desta pesquisa; Foi criado uma biblioteca e uma brinquedoteca comunitária na Casa São José. Entre todos os projetos idealizados

semestre de 2011) está sendo realizada uma pesquisa sobre as *Parasitoses Intestinais e as Representações Sociais* das crianças e Agentes Comunitários de Saúde. Esta pesquisa se deu a partir de uma parceria do Núcleo de Ecologia Humana e Saúde (ECOS) com pesquisadores da unidade de análises clínicas que realizaram um exame com as crianças da Serrinha no segundo semestre de 2010.

Com um texto de “inspiração” etnográfica esta pesquisa toma sua forma apresentando as narrações e observações de campo. Não me limitei ao questionário elaborado para orientação da pesquisa. A apresentação da pesquisa no capítulo III constitui em um texto etnográfico abarcando as minhas primeiras impressões sobre a comunidade, juntamente com as explicações que a C, que nos guiou nesta primeira visita, oferecia e nos apresentava durante toda permanência em campo. O segundo texto apresenta as narrações analisadas adquiridas durante a inserção em campo. Aos passos de Roberto Cardoso de Oliveira (1998) a pesquisa de campo pode ser sintetizada em olhar, ouvir e escrever elaborando para estabelecer uma percepção aproximada da realidade. A partir de uma relação dialógica entre o pesquisador e o interlocutor em que proporciona uma fusão de pontos de vistas. Um processo conhecido como interação, a qual está relacionada à *Observação Participante*, nela o pesquisador estabelece uma relação aceitável no grupo estudado. A *observação participante* realiza um inquestionável ato cognitivo em que a compreensão, que é subjacente, capta o que a hermenêutica chamaria de “excedente de sentido”, ou seja, as significações (OLIVEIRA, 1998).

Nesta pesquisa, os atos cognitivos proposto por R. C. de Oliveira tornaram-se chave fundamental para criação de uma análise que tem a intenção de traduzir o campo e as histórias narradas. O ato de ouvir torna-se pontual na pesquisa, quando o pesquisador é desafiado a “saber ouvir” os informantes em suas narrativas (OLIVEIRA, 1998), assim pode-se ampliar a escuta para o próprio espaço onde está sendo realizada a pesquisa. A partir desta idéia o ato de olhar etnográfico prolonga-se em um ouvir etnográfico permitindo a incorporação do dado sonoro presente nos espaços visitados.

pelo *Conexões de Saberes*, um deles era o Resgate histórico da comunidade, que até foi iniciado com a coleta de informações como depoimento, documentos e fotografias, mas o trabalho não foi realizado.

3.2. TÉCNICA DE COLETAS DE DADOS

A inserção no campo foi realizada de agosto de 2011 a dezembro de 2011. Na primeira saída de campo, realizei um passeio inicial na comunidade buscando observar as suas características e estabelecer contato com a agente de saúde que me auxiliou durante todo o processo desta pesquisa. No segundo momento, foi adotado um diário de campo, assim como registros fotográficos. Foi elaborado um pequeno roteiro para ter condições de analisar as Representações Sociais dos moradores entrevistados. Spink (1995) aponta que é preciso a realização de entrevistas semi-estruturadas, as quais são entrevistas com um prévio roteiro de perguntas sobre o tema de interesse, neste caso sobre as memórias e percepções relacionadas à comunidade da Serrinha. Entretanto, como já citada, as entrevistas não se limitaram ao roteiro previamente elaborado para possibilitar possíveis assuntos que interessaria a pesquisa e deixar o informante mais a vontade.

A partir da segunda saída de campo foi montado um grupo com três moradoras da comunidade para realização das entrevistas. Somente esta entrevista foi feita em grupo. Não foi possível conversar com todos moradores antigos, pois alguns não estavam dispostos a conversar e os meus horários para inserção ao campo eram restritos. Logo quando retornei a comunidade, C. nos avisou que o melhor dia e horário para as visitas eram aos sábados de manhã. Fui algumas vezes no meio da semana no final do dia, mas foi difícil encontrar os moradores e conseguir um tempo para conversar. Entretanto, serviu como dado de observação de como a comunidade funciona à noite.

A pesquisa foi dividida em duas fases: na primeira fase foi realizada uma coleta e análise de dados secundários, isto é, pesquisa bibliográfica, análise documental e leitura de pesquisas realizadas na comunidade e no Maciço da Cruz. Estes dados forneceram informações importantes para a compreensão dos processos contextuais e históricos do campo de análise. Foram fundamentais para a descrição da situação atual do bairro. Além das dissertações, projetos de pesquisas, as consultas documentais foram realizadas no IPUF (Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis) e na Prefeitura Municipal de Florianópolis.

Na segunda etapa foram realizadas as entrevistas com os moradores selecionados. O critério utilizado para escolha dos moradores foi por indicações dos próprios entrevistados que lembravam quem estavam juntos na formação da Serrinha. Muitos já não habitam mais o local e outros não quiseram participar da pesquisa. Os informantes serão

identificados com as suas iniciais. Os principais narradores deste trabalho são: C., D., O., S., Do. e Ca.

Trata-se, portanto de uma pesquisa de caráter qualitativo e analítico. Foi adotada para apresentação das entrevistas textos com características narrativas e etnográficas, os quais expõem a perspectiva dos moradores e da pesquisadora no campo. De acordo com Delgado (2007) o texto etnográfico é um instrumento do conhecimento, em que nos permite “fabricar artefatos conceituais arbitrários que tornem comunicáveis certas qualidades do vivido, estruturas parciais que tem valor operativo se nos permitam confrontar os dados obtidos com os dados obtidos por outros” (2007, p. 112). Deste modo, o papel da observação do pesquisador torna-se central no ato de aprender não somente o discurso, mas também de coletar dados não ditos para construção de um trabalho absolutamente complexo de tentar adaptar-reduzir o percebido ao narrável, ou seja, é a tarefa de traduzir o visto e o ouvido que são realidades indescritíveis (Delgado, 2007, p.125).

Os instrumentos de pesquisa foram o gravador e o caderno de campo contendo as percepções obtidas em campo e os detalhes observados. De acordo com Macrae (1999) as informações registradas nas entrevistas semi-estruturadas tende a ser densas e profundas, o qual é possível captar o universo “afetivo-existencial” do entrevistado. Desta maneira, a preocupação com a “objetividade” não é a questão mais importante e permite que o entrevistador tenha um envolvimento mais profundo no tema pesquisado.

3.3. ANÁLISE DOS DADOS

Foi adotada como forma de análise a teoria da Análise do Discurso (AD) a partir das narrativas dos entrevistados. A Análise do discurso pode ser entendida como uma prática social de produção de textos, no qual é considerado que todo discurso seria uma construção social e não somente individual. A análise poderá somente ser realizada a partir do seu contexto histórico e social, e desta maneira o discurso passaria a refletir a visão de mundo destes narradores. Orlandi (2001) argumenta que a AD abarca a reflexão acerca das condições de produção dos textos analisados, os quais apresentam um contexto histórico mais amplo. AD busca desvendar os mecanismos de dominação que estão intrínsecos a linguagem. Desde modo, constitui uma proposta crítica que problematiza as formas de reflexão estabelecidas sobre as condições de produção e apreensão da

significação de textos, além de buscar compreender o modo de funcionamento, os princípios de organização e as formas de produção social do sentido. A Análise do Discurso parte dos pressupostos de que o sentido de uma palavra expressa posições ideológicas no processo sócio-histórico em que estão inseridas, e de que toda formação discursiva dissimula sua dependência das formações ideológicas (MINAYO, 2000).

Desenvolver uma Análise do Discurso remetendo-se ao conceito de Memória Coletiva o texto passará a expressar estratégia das experiências dos entrevistados. O conceito de experiência aqui será na perspectiva de uma experiência socialmente constituída, na qual se apresentam estratégias que só serão possíveis serem analisadas quando se expressarem na narração individual e intersubjetiva, todavia, é preciso considerar a condição de uma situação dialógica, pois as experiências narradas envolvem um universo discursivo de experiências vividas e projetadas. Neste sentido segue a análise sobre as Representações Sociais que segundo Spink “os discursos são complexos, mesmo quando pensamos estar entrevistando sobre um tema único, e muitas vezes estão presentes teorias sobre múltiplos aspectos relacionados” (SPINK, 1995, p. 130). Importante seguir os seguintes passos: transcrição das entrevistas gravadas; leitura fluente do material, os detalhes sutis e a retórica do informante com as suas argumentações contra ou a favor, como exemplo as ações do PAC na comunidade. Todo processo das Representações Sociais tem por base a interpretação nas mais distintas dimensões. São consideradas as representações e as experiências narradas pelos sujeitos, o qual será respeitado todas as expressões e o contexto em que tais aspectos foram produzidos; realizar uma releitura da descrição que os entrevistados fazem em suas narrativas, em relação a sua posição sobre as mudanças ocorridas no bairro. A partir das conclusões, será possível apresentar as interpretações dos sentidos que os sujeitos entrevistados atribuem a suas vivências, com a intenção de encontrar à compreensão das regras que constitui as particularidades relacionadas à sociabilidade e memória do bairro, do ponto de vista das práticas sociais do cotidiano.

4. MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A proposta da pesquisa agora é realizar o adensamento das narrações dos habitantes da Serrinha, cuja trajetória pessoal cruza com a história da comunidade. A Serrinha passa a ser narrada por aqueles que lá habitam desde o começo de sua formação. Diante das observações de campo aliado a narração dos moradores da Serrinha é possível construir dimensões um pouco mais profundas sobre o enraizamento desta população neste lugar. Trata-se de um tempo que habita o espaço da memória, um tempo que não segue um processo linear ou cronológico de uma memória histórica ou progressista, mas um tempo que permeia entre os tempos vividos e construídos por esses narradores.

Diante dessas diferentes narrativas sobre um mesmo lugar na cidade, a obra de Maurice Halbwachs, *A Memória Coletiva* (2004) serve como base desta pesquisa para entrecruzar todas as histórias aqui narradas. Nesta obra o autor estabelece uma relação entre memória e “quadros sociais” nos quais as lembranças se apóiam para serem freqüentemente reconstruídas. A memória remete sempre a um grupo. O indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições. É no contexto destas relações que construímos as nossas lembranças. Portanto, a memória pessoal está impregnada das memórias que nos cercam. Halbwachs estabelece uma diferença fundamental entre memória coletiva e memória histórica. A primeira é o centro da tradição, apoiada no fluxo contínuo do grupo social, a segunda trata-se de uma diversidade de acontecimentos, que se estabelece a partir de um conhecimento exterior ao grupo, as suas práticas e representações coletivas. Deste modo compreendemos que não se trata apenas de lembranças dos narradores específicos, mas de recordações que são reconstruídas coletivamente, a qual forma uma *comunidade afetiva* oferecendo bases para a reconstrução das lembranças que operam a partir de dados ou categorias comuns, apoiadas em uma mesma sociedade (HALBWACHS, 2004).

Ao utilizarmos as lembranças para construção da memória, Ecléa Bosi (1991) ressalta que não se trata de sonho e sim trabalho. O trabalho da memória consiste em uma constante reconstrução do passado a partir dos contextos sociais do presente. Ecléa Bosi (1991) observa que é no Campo da experiência pessoal com os eventos do dia-a-dia, registrados na lembrança, contados para outra pessoa, portanto, não é a memória que se tranca em si mesma, mas a que compartilha seus conteúdos quando há outro disponível e atento, e que os define, no próprio ato de

contar. Há uma história oficial, a dos manuais e das datas importantes que todos nós aprendemos, mas a memória que a autora se refere é outra história, é a história de cada um, construída ao longo da vida, a partir de um cotidiano muitas vezes corriqueiro, entretanto sempre relevante. Importante destacar os pormenores da narrativa, pois assim conseguimos redimir e dignificar o cotidiano. A memória traduzida em palavras e que transmite uma experiência vivida pode nos levar aos momentos de antigamente que permanecem, mesmo que sem consciência exata, como motivos para o comportamento presente.

A partir de um texto etnográfico, a teoria das Representações Sociais pode auxiliar esta pesquisa a partir da idéia que são “imagens construídas sobre o real” (MINAYO, 2004, p. 108). Deste modo, é possível entender que elas são elaboradas na relação dos indivíduos em seu grupo social, na ação no espaço coletivo comum a todos, portanto, diferente da ação individual. O espaço público é o lugar onde o grupo social pode desenvolver e sustentar saberes sobre si próprios, saberes consensuais, isto é, representações sociais (MINAYO, 2004).

As Representações Sociais são caracterizadas por serem dinâmicas e relacionais à trajetória do grupo observado. Elaboradas por um processo de ações coletivas e sempre atuantes dos sujeitos, as Representações Sociais apresentam um reflexo nas relações estabelecidas dentro e fora do grupo, ou seja, no encontro com outros sujeitos ou outros grupos sociais. São então essas histórias contadas desses moradores da comunidade da Serrinha aliadas com as teorias acima apresentadas que nos servem de base para compreendermos a realidade contada e vivida por este grupo social.

4.1. UM PRIMEIRO OLHAR: COM OS PÉS NA SERRINHA

Cheguei à comunidade de carro juntamente com o Professor Fernando Dias de Ávila Pires e a professora Márcia Grisotti. A proposta desta saída de campo era conhecer melhor a comunidade da Serrinha. Pois iríamos iniciar uma pesquisa sobre as **Parasitoses Intestinais e as Representações Sociais das crianças e Agentes Comunitários de Saúde**. Esta pesquisa se deu a partir de uma parceria com pesquisadores da unidade de análises clínicas que realizaram exames com as crianças da Serrinha no segundo semestre de 2010¹². Entretanto, não é possível

¹² A partir destes exames foi descoberto alto índice de contaminação de parasitoses nas crianças da comunidade. Importante ressaltar que as parasitoses

abordar todos os temas que envolvem as questões de urbanização e o processo saúde/doença. A partir desta primeira visita que o tema desta pesquisa surgiu.

Quem nos acompanhou nesta primeira visita à comunidade é a agente de saúde C. (uma liderança na comunidade). Clara tem 52 anos e mora na Serrinha há 30 anos sendo uma das primeiras moradoras da comunidade. Oriunda do Rio grande do Sul, ela já se considera nativa *“Moro tantos anos aqui que já sou manezinha”*. Ela atuou como presidente da associação comunitária durante dois anos. Atualmente, C. trabalha como agente de saúde e mantém um salão de beleza na frente de sua residência. O local do encontro foi na Casa São José. A rua começa a ficar estreita e logo ao dobrar a esquina já foi possível perceber a movimentação das obras do PAC. Era o primeiro sinal das mudanças estruturais da comunidade. Logo uma moradora veio em ao nosso encontro e ali se iniciou uma conversa com as duas moradoras que nos explicaram como foi o processo de realizar e implantar o projeto. *“Este projeto foi idealizado pela Associação de moradores e realizado pelo com a ajuda do Governo Federal, Estadual e Municipal”*. C. atribui a uma ajuda divina ao dizer que *“foi Deus que nos levou a pedir ajuda justamente quando este projeto estava para ser lançado.”* Nesta época, C. não era somente agente de saúde, ela exercia a função de presidente da Associação. Contou-nos como ficou entusiasmada com aquela possibilidade de mudança da comunidade, pois muitos não acreditavam que seriam realizadas tantas obras em tão pouco tempo. Ela nos conta que durante a sua atuação na presidência da Associação de moradores foram muitos percalços a serem percorridos. *“Ver essas obras na minha comunidade é a realização de um sonho de todos que lutam por um lugar melhor para viver”*. Apesar das obras não ocorrerem no tempo desejado pelos moradores, eles acreditam que o projeto será efetuado em todas as esferas delimitadas. As obras já duram três anos. A promessa era que em um ano tudo ficaria pronto, mas as moradoras não

intestinais representam um importante problema de ordem social e sanitária nos países em desenvolvimento, principalmente pelos efeitos que podem ocasionar sobre o estado nutricional e o desenvolvimento físico da população infantil. Nos países tropicais em desenvolvimento, onde, em muitos locais, o nível de higiene, educação e desenvolvimento econômico é muito baixo, o parasitismo no homem e nos animais ocorre com grande intensidade e diversidade. As crianças são as que estão mais expostas às infecções, porque seus hábitos e suas atividades carecem de higiene pessoal e estão em contato mais constante com o ambiente (projeto de pesquisa: 2010).

desanimam. A moradora que estava conversando com a C., nos disse que na rua dela não chegava carro e com a abertura da rua, ela se sente mais aliviada: *“Agora pode chegar ambulância na minha casa. Digo isso porque minha vizinha passou muito mal e não pode ser socorrida. A ambulância não conseguiu chegar até a casa dela”*. Com um breve sorriso no rosto, a moradora nos expõe a esperança de habitar um lugar mais digno e ter acesso aos serviços mais básicos.

Elas nos explicaram que os moradores participam ativamente do processo de revitalização da comunidade, pois muitas ruas e instalações de esgoto foram feitas através de mutirão composto pelos moradores da comunidade. C. nos conta que não é fácil reunir todos. *“Para fazer o calçamento da minha rua, levantei em um sábado bem cedinho e fui batendo de porta em porta chamando os moradores que se comprometeram a ajudar. O material já estava aqui e para podermos concretizar o nosso sonho só dependíamos de nós mesmos”*.

Somente uma única rua será construída pelos funcionários contratados da Prefeitura Municipal da Cidade. Encontramos esta rua em sua finalização. Começamos a subir a rua. Ela é bem íngreme, assim como a maioria das ruas e vielas da comunidade. Lá se tem uma bela vista da cidade. Ali percebi que o bairro faz muita ligação com pontos estratégicos da cidade. Da para se chegar ao centro e nas antenas dos veículos de comunicação. Ainda há espaços sem construção nesta parte da Serrinha. Entretanto, ao dizermos sobre a possibilidade de haver uma especulação imobiliária, C. foi enfática ao dizer que *“na Serrinha não se pode mais construir e nem negociar casas. Foi feito uma escritura que exige a permanência da mesma família no local por dez anos. Caso essa situação não ocorra, o terreno passará ao domínio do município”*. Seguimos subindo a nova rua e logo abaixo observamos que há um condomínio fechado dentro da comunidade. Há um buraco no muro. C. nos conta que a existência deste condomínio atrapalhou no processo de “transformação” do bairro, mas mesmo assim a comunidade cedeu materiais para este condomínio como lajotas, por exemplo. Em outro momento, C. nos mostrou um mapa com os resultados de um levantamento topográfico realizado na comunidade. E foi verificado que havia outras residências pertencentes ao bairro, mas que estão isoladas por causa deste condomínio. Perguntamo-nos se eles não fizeram algum movimento para retirada deste condomínio, mas ela disse que por enquanto não. Mas ainda pretende “mexer” com essa história. Em outro momento desta pesquisa, Dona D., uma das moradoras “antiga” da comunidade, tem a sua casa vizinha deste condomínio e nos conta que *“não faz muito tempo veio uma chuva bem forte. Foi um desespero.*

Abrimos o buraco daquele muro do condomínio para água descer. Arrumamos confusão com eles. Porque eles acharam que nós estávamos soltando água na casa deles. E nós tínhamos que nos livrar da água. Quando eu fui construir a casa do meu filho aqui no terreno, eles começaram a colocar cerca elétrica dizendo que aqui era só favela, acredita?” Este condomínio dentro da comunidade representa os “enclaves fortificados” citado anteriormente neste trabalho, o qual Teresa Caldeira (2000) classifica como principal instrumento de segregação espacial que surgiram nos anos de 1980. São espaços privatizados, fechados e monitorados para residências, consumo, lazer e trabalho. Este condomínio representa que tanto moradores pobres como ricos vivem em enclaves, onde levantar-se um muro para registrar uma separação dos demais. Construção de todo tipo de muros e controles nos espaços da cidade limita a democratização, pois os moradores passam a construir hierarquias, privilégios, espaços exclusivos e segregados. Deste modo há uma transmutação do espaço público em privado (Figura 11). Forma-se uma sociedade com menos vida associativa, menos atuação cívica, menos solidariedade e conseqüente vulnerabilidade e exposição aos desmandos de uma violência gratuita que, apesar de todo o aparato de controle construído pela sociedade de vigilância, ainda continua a ocorrer (CALDEIRA, 2000).

Figura 11 - Contradições de ocupação: Condomínio fechado dentro da comunidade.



Fonte: Andréia Carvalho, 2011.

Ao chegarmos ao final da nova rua percebemos como a comunidade da Serrinha está próxima de outra comunidade pertencente ao Maciço Morro da Cruz. Percebi como era importante a abertura destes novos caminhos dentro da comunidade. Há com essas aberturas de novas ruas uma possibilidade de uma nova linha de ônibus que ligará a Serrinha ao Centro da cidade. Esta nova linha será muito importante, pois como já foi descrito nesta pesquisa, há apenas um ônibus que atende a comunidade. E o seu trajeto atende apenas um breve trecho da Serrinha. Voltamos por outra rua que ainda não foi totalmente calçada, mas ao caminharmos a agente de saúde nos aponta as instalações dos relógios de água e nos fala como foi importante esta instalação. Ela explica que há uma taxa simbólica para os moradores. *“Muitos resistiram em colocar, mas conseguimos convencer praticamente todos os moradores a colocar os registros”*. Encontramos um que estava quebrado. Como se alguém tivesse chutado. Ela diz que essa *“cena me*

deixa muito chateada, pois lutei muito para a comunidade obter essas conquistas”. Mas ainda há muita resistência em relação às mudanças. Descemos uma escada para acessarmos outra parte da Serrinha. A quantidade de lixo nas ruas me chamou muita atenção. Há também muitos animais soltos pelas ruas. As casas são todas bem juntinhas. O limite entre a Serrinha e as outras comunidades é bem tênue. Há muitas saídas estreitadas. Há muitas igrejas também. Ao perguntarmos sobre a quantidade de igrejas evangélicas que encontramos no caminho, C. apenas diz que há 11 igrejas evangélicas dentro da comunidade (Figura 12). Ela não se prolonga muito no assunto. Talvez haja algum confronto de lideranças religiosas na comunidade, mas isso não ficou claro, até porque C. tem uma preferência católica bastante definida.

Figura 12 - Igreja localizada nas estreitas vias da Serrinha



Fonte: Andréia Carvalho, 2011.

Há muitos carros e motos. Há bastante barulho de conversas e de latidos. Crianças brincando nas ruas e sons diversos que vem das casas: músicas, roupas sendo estendida, mãe chamando filho, moradores olhando pelas janelas para nos observar. Estávamos parados em cima de uma laje para C. nos mostrar a Avenida TransCaieira, via pavimentada pelo projeto do PAC, a qual liga o Alto da Caieira ao Saco dos Limões. C. nos conta histórias, muitas histórias. Ela nos conta suas experiências como agente comunitária de saúde. Indignada com algumas atitudes que ela observa no posto de saúde e nas casas dos moradores. Mas logo, C. volta a falar da comunidade e suas transformações. Ela nos mostra um terreno que havia um impasse entre os proprietários, o município e moradores que atualmente recebem o aluguel social¹³. Há um projeto de utilizar uma parte do terreno para construção de casas para esses moradores, outra parte ficará para os atuais proprietários e o restante será uma área de preservação permanente: O Parque Municipal do Morro da Cruz. Orgulhosa, C. diz que o Parque Municipal abrangerá toda a área verde que ainda resta no Morro da Cruz. Voltamos a descer a rua. Ela nos diz que levará em sua casa, pois quer nos mostrar alguns documentos e imagens importantes compreendermos melhor a atual situação da comunidade.

Chegamos à casa de C. uma surpresa! Além de todas as tarefas referentes à comunidade e sua atuação como agente comunitária de saúde, C. também é Cabeleireira. Sorridente, ela diz que não abre mão dessa tarefa aos sábado de manhã. Acordo cedo, às sete da manhã e já venho para o salão. O salão tem um toque bem feminino. Há uma cadeira rosa no centro. Os bancos de espera são em formato de estrela, algumas revistas de moda ao lado dos bancos e prateleiras com enfeites. Sentamos e logo a C. voltou com mapas, o projeto e algumas imagens da comunidade. Ela nos mostrou o mapa da Serrinha para melhor nos localizarmos. Há uma divisão de três pontas na comunidade. Neste dia conhecemos apenas uma ponta. Pelo mapa pudemos perceber que todas as casas receberam uma espécie de registro com uma numeração, sendo assim haverá um “controle” populacional. Como havia dito antes, C. nos explica que com esse mapa topográfico não haverá possibilidade alguma de novas construções no bairro. Ela nos relata uma história de uma vizinha que comprou um terreno, onde não poderia haver mais

¹³ O Aluguel Social é um recurso assistencial mensal destinado a atender, em caráter de urgência, famílias que se encontram sem moradia. É um subsídio concedido por cinco meses. A família beneficiada recebe uma quantia equivalente ao custo de um aluguel popular.

construção. *“Esta vizinha veio me pedir uma opinião sobre esse terreno. Eu disse: Você vai colocar dinheiro fora. Ela me perguntou: Por quê? E eu disse que só posso te falar isso: Você vai botar dinheiro fora. Dito e feito. Assim que ela começou a construir no terreno vieram os tratores da prefeitura e derrubou tudo.”* C. nos relata os acordos e negociação que foi preciso fazer com os moradores para aceitarem o projeto. Não foi fácil diz a agente de saúde. *“Tive que convencer um por um para aumentarmos a rua.”* Uma das histórias que ela nos contou foi de uma senhora que, segundo a C., já havia conversado sobre todos os benefícios que a rua traria para ela e sua família, mas a senhora esta irredutível. *“Eu tentei de todos os jeitos. Daí eu tive que apelar. Precisávamos avançar na casa desta vizinha uns três metros. E para convencê-la eu argumentei da seguinte forma: Imagina a senhora quando a tua filha (ela adora sair para um baile) arranja um namorado em dos bailes que ela frequenta. Daí o moço resolve trazê-la em casa de carro e não tem como chegar até a casa de vocês porque não tem rua. Agora se a senhora nos deixar avançar apenas três metrinhos no seu quintal para fazermos a rua, a tua filha quando tiver um namorado que a deixará em casa de carro, já poderá vir com mais segurança e até marcará um jantar para o dia seguinte.”* Com esse argumento, C. disse que conseguiu convencer a senhora a avançar os três metros para fazerem a rua. *“Mas depois da obra feita, essa vizinha ficou muito brava comigo, pois eu havia falado o tempo todo que avançaríamos apenas três metrinhos. E quando essa vizinha viu os três metros retirados do seu terreno, ela ficou assustada. Tiveram que medir na frente dela para acreditar que foram três metros. Ai está os três metros, eu disse para ela. Mas quando eu falava que eram apenas três metrinhos, ela não tinha noção do tamanho que iria retirar.”*

Outra negociação que C. nos relata é com um senhor que também não aceitava de jeito algum ceder uma parte do seu pátio para construção da nova rua. C. nos conta que o motivo principal dessa resistência era a plantação de couve que esse senhor tinha no quintal e que com a perda deste espaço, ele iria perder essa plantação. *“Eu cheguei a prometer para ele que eu transplantaria as couves para outro espaço, mas ele me dizia que eu não tinha mão boa para isso. No fim consegui negociar com ele para que pudéssemos terminar a construção daquela rua”.*

Com o projeto em mãos, C. nos mostra primeiro as duas primeiras folhas. Depois ela segue para parte final do projeto e diz: *“Eu gosto de iniciar por aqui”* e cheia de orgulho nos mostra sua foto ao lado de Lula, ex-presidente da República. Ela nos conta que foi

escolhida entre os presidentes das dezesseis comunidades para ser a porta-voz do projeto. Uma das prioridades do projeto é a questão da segurança. Com mais uma de suas estratégias ela narra como fez para os moradores aceitarem o sistema de segurança no bairro. Alguns moradores queriam um posto permanente da polícia na comunidade. Outros não aceitavam isso de jeito nenhum, pois do ponto de vista de C., um policial permanente ali seria mais um problema e não uma solução *“Se ele for trabalhador como muito de nos e com família para sustentar, nos devíamos pensar na segurança dele também, pois se ele não ajudar o traficante acabará morrendo e se passar para o lado dos traficantes a comunidade sairá perdendo.”* Portanto, a solução foi abrir mais ruas, passagens e investir na iluminação pública do bairro. *“Claro, que não falei para todos que isso facilitaria a entrada da polícia, pois nem todos querem a policia aqui”.*

C. nos fala pouco sobre a sua atuação como agente comunitária de saúde. Ela diz que não suporta ficar “presa” no posto de saúde, o qual ela tem que ficar pelo menos um dia em função do atendimento do posto de saúde, localizado no bairro da Trindade. Dentro da comunidade não há nenhuma unidade de serviços de saúde. Ela diz que sua melhor atuação é dentro da comunidade. *“É ir às casas dos pacientes. Verificar o que esta acontecendo realmente”.* Atualmente na Serrinha só tem dois agentes comunitários de saúde. Pouco para tanta demanda. C. nos diz que ela não fica somente na área que é destinada a ela, que no total são 200 casas. Ela diz; *“Não consigo ver alguém precisando de atendimento, de ajuda e cruzar os braços. Outro dia veio uma criança para cortar o cabelo aqui. A coitada da criança estava com a cabeça cheia de ferida. Mal consegui cortar o cabelo. Logo chamei a mãe para conversar e pedi para levar a criança o quanto antes no posto de saúde. Eu mesma fui avisar no posto de saúde a situação daquela criança. Eu também ajudo a outra agente de saúde. Pois como ela não tem muitos conhecidos e tem receio de entrar em algumas casas, eu vou com ela em algumas visitas. Esses dias a levei na casa do traficante aqui perto. A mulher dele havia sumido do posto e ela está grávida. Sem a outra agente saber, a levei na casa deles. Entramos aplicamos todo o questionário e orientamos o casal. Nós fomos muito bem recebidas. Assim que nós saímos da casa eu disse a ela: Sabe quem é esse aí? é um dos chefes da comunidade. Ela ficou pálida.”.*

É perceptível o orgulho que C. tem de ser moradora da Serrinha e sua atuação nesta comunidade. *“Outro dia estava no ponto de ônibus e uma moça veio me perguntar: Ali em cima que fica a favela da Serrinha? Eu disse: favela? Ali não é favela. Vocês não têm idéia como*

aquilo me ofendeu.” Nota-se nesta pesquisa que assim como a C. nenhum morador entrevistado dirige-se ao lugar como *favela*, pois para eles este termo remete-se a um lugar ruim, onde só há violência sujeira e pessoas de má índole. Na cidade de Florianópolis a diferença entre *favela* e comunidade não está tão esclarecida. Possivelmente há certa indiferença com os morros, pois estes não seguem os padrões de uma cidade organizada, ou uma cidade idealizada. Há neste caso uma “coerção semântica” do termo *favela*, pois o termo ficou vinculado à idéia de um lugar que contém moradias precárias, onde moram trabalhadores de baixa qualificação ou mesmo refugio para marginalidade. Muitos moradores associam o termo aos Guetos, que são lugares estigmatizados, de território limitado, com baixa presença do Estado e desapropriação simbólica dos moradores (VALLADARES, 2000).

Ao chegarmos ao final da nossa conversa C. nos faz um breve relato de sua trajetória pessoal. Conta que teve quatro filhos. Foi “abandonada” pelo ex-marido aos 30 anos de idade. *“Eu me sentia velha, burra e acabada. Tinha que dar conta de criar meus quatro filhos sozinha. Hoje, eles estão criados. E eu vivo a minha vida. Faço os meus trabalhos.”* Com um breve sorriso e muitas histórias para contar, ela nos convida a voltar à comunidade para elaboração de um trabalho sobre as histórias que as pessoas que lá habitam tem para contar.

4.2. A SERRINHA REVELADA PELOS SEUS MORADORES

A Serrinha começa agora a ser revelada a partir da experiência vivida pelos moradores entrevistados, além da percepção da pesquisadora sobre o campo. Esta pesquisa foi em busca dos “antigos” da Serrinha. Um pequeno grupo que foi capaz de contar as suas experiências vividas entre os anos de 1980 até os dias atuais. A pesquisa buscou entender como eles vêem as transformações urbanas ocorridas nos últimos anos na comunidade e quais são os impactos dessas mudanças no seu cotidiano. Os atores escolhidos para esta narração são os que possivelmente conseguiram trazer nas suas biografias pessoais substratos da memória coletiva deste lugar.

Ao compartilharmos destas memórias com os moradores podemos começar a descrever a Serrinha desde seus primeiros habitantes. Trata-se de uma Serrinha onde não havia água canalizada, luz e nem estradas. Remete-se a um lugar interiorano, onde todos se conhecem e dividem as mesmas dificuldades. Praticamente todos os

entrevistados comparam a realidade atual com a realidade vivida no passado. “O lugar recebeu a marca do grupo, e vice-versa. Então, todas as ações do grupo podem se traduzir em termos espaciais” (HALBWACHS, 2000 – pg. 133).

“*Era tudo mato*”. É assim que dona D. nos conta como era a Serrinha há 30 anos quando ela chegou de Campo Belo do Sul. “*Quando a gente veio não tinha rua. Não tinha água. A gente pegava água na torneira lá na CASAN. Já tinha caixa d’água, acredita? Mas para gente a água demorou a chegar. Pegávamos água de balde. Improvisamos com uma torneira fora da caixa*”. São essas lembranças que D., assim como os outros entrevistados, guardam da comunidade quando logo ali chegaram. Ela nos conta como era a sua rotina para chegar ao local de trabalho “*era tudo um carreiro. Para ir trabalhar eu descia num barrão. A rua era até a Casa São José. Era bem estreita e não era calçada. Para cima era só um carreiro. No dia que chovia para nos irmos trabalhar, eu nunca esqueço, nós entrávamos dentro de um matinho para sair lá na rua que daí não tinha muita lama. Ô guria nós passamos um pedaço difícil aqui. Hoje tá um paraíso*”. Dona Do., vizinha de D., nos conta como fazia para sair de sua casa logo quando se mudou para Serrinha “*Mas aqui a rua era um carreirinho. Tinha espinho e mato. A gente para chegar aqui tinha que atravessar uns troncos de eucalipto. Paguei caminhão duas ou três vezes para abrir caminho. Sei que quando chovia não podíamos sair de casa. Os carros para sair daqui... Nossa! Nós tínhamos que sentar no capô do carro para chegar lá em cima para poder ir trabalhar*”. A rua em que as duas moradoras moram é uma rua em declive muito acentuado. No final fica o muro que separa o condomínio fechado do restante da comunidade. Halbwachs explica que cada sociedade recorta o espaço a seu modo, sendo assim constitui um quadro fixo, onde encerra e localiza suas lembranças. “Não é certo então, que para lembrar-se, seja necessário se transportar em pensamento para fora do espaço, pois pelo contrário é somente a imagem do espaço que, em razão de sua estabilidade, dá-nos a ilusão de não mudar através do tempo e de encontrar o passado no presente; mas é assim que podemos definir a memória; e o espaço só é suficientemente estável para poder durar sem envelhecer, nem perder nenhuma de suas partes (HALBWACHS, 2000 – pg.160).”

São com esses ritmos do cotidiano que dão forma as narrativas dessas moradoras. Há infinitas maneiras de narrar à realidade vivida, mas é através do cotidiano que esses habitantes remontam e apresentam a sua forma de vida na comunidade. Certeau (1996) define o cotidiano como “aquilo que nos é dado a cada dia, ou que nos cabe em partilha,

nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente”. (...) “O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior”. (...) “É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada”. (...) Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história “irracional”, ou desta ‘não história’, como o diz ainda A. Dupont. “O que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível...” (CERTEAU, 1996, p. 31).

Uma das habitantes mais antigas da comunidade é a Dona O. Ela nos conta que está na comunidade cerca de 40 anos. Entre idas e vindas ficou distante por pouco tempo, somente para acompanhar o seu primeiro marido na cidade de São Paulo, mas logo retornou e não quis outro lugar para morar, pois é na Serrinha que ela guarda todas as suas lembranças da meninice. Atualmente, sua casa é localizada ao lado da caixa d’ água da CASAN. É uma casa simples, sem muros ou portões. Ela nos recebeu na janela que é onde ele passa algumas horas do dia observando a comunidade. Mas não foi lá que ela cresceu. Sua primeira casa ficava bem perto da Universidade na esquina da rua que hoje se chama Marcos Aurélio Homem. *“Eu nasci e me criei aqui. Aqui só tinha estradinha de chão uma casa ali outra aqui. Não tinha essa coisara da que tem hoje. A Universidade era uma produção animal de gados e meu pai quando se aposentou passou tirar leite das vaquinhas lá embaixo”*. As lembranças que ela guarda da comunidade remete-se há de um lugar tranquilo e bucólico *“Eu morava lá embaixo onde é a Douglas Seara. Ali era o começo da Serrinha. Que dava lá em cima perto do morro da Cruz no Capão. Para cá não tinha nada. Esse aqui era o morro que a gente subia para pegar berbigão lá na praia. Eu era uma menina. Vinha de lá pegar berbigão e ia até o centro a pé. Porque naquela época não tinha ônibus. A gente ia lá levar as rouparadas que minha mãe lavava para fora. Então eu cresci, noivei e me casei neste lugar”*.

A trajetória de vida de Dona O. entrecruza-se com a da comunidade e nos remete ao que Halbwachs chama de “Guardião da Memória”, pois Dona O. representa “os orquestradores dos referenciais dos quadros sociais da memória” (HALBWACHS, 2000), pois ela sente uma responsabilidade de ser portadora de histórias que pertencem somente aquele lugar. Ela criou os 18 filhos ali na Serrinha e ajuda a cuidar dos netos que moram próximos, pois alguns de seus filhos moram próximo de sua casa. Isso é muito comum na Serrinha. Todos os moradores entrevistados, e alguns com quem brevemente conversei, mantêm as suas famílias próximas ou no mesmo terreno. É comum fazer várias casas em um mesmo terreno para abrigar os familiares. E é desta forma que a Serrinha se constituiu.

Considerada uma das primeiras moradoras, D. O. explica que ela foi ajudando pessoas que vieram de longe a se estabelecer na comunidade. Ao lembrar-se desse período, D. O. fala que *“Quando eu cheguei aqui não tinha energia elétrica. Era só luz de lamparina. Hoje em dia tem essa força toda assim, né? Depois foi vindo gente de fora, lá da Serra. Eu fui arrumando um cantinho para cada um morar”*. Nesta época ela ficou muito doente. Com a sua recuperação ela fez uma promessa para ajudar as pessoas que ela encontrava na rua. *“Eu disse vou tirar uma pessoa da rua. Vou arranjar um cantinho para pessoa que tá na rua. Esse moço se chamava M.. Muito fino. Botei para morar lá atrás, onde mora o seu B. Eu fui ajudando, ajudando até que ficaram essas casas todas. Vinha perguntar para mim: Dona O. onde é que tem um lugar para eu morar?”*

Há muitas histórias sobre a formação da Serrinha, algumas muito curiosas como o caso do morador conhecido como C. Segundo os moradores o C. reservou alguns terrenos para ele, pois no começo era assim cada um que chegava marcava a quantidade de terra que quisesse e passava uma cerca. Este morador começou a vender alguns lotes que havia separado. No total ele conseguiu vender quatro lotes em troca não era exigido um valor muito alto. Ele aceitava aparelho de som, animais entre outras coisas de valores simbólicos. Contudo, ao vender os quatro lotes ele deixou um dos terrenos sem saída. Com essa confusão seu C. foi expulso da comunidade depois de ter sido repreendido pelos compradores. Seu S., hoje dono de um dos bares da comunidade, nos revelou que seu terreno também foi adquirido desta forma. *“Quando vim para Serrinha em 1985 morei primeiro na Rua dos Lageanos, pois lá acolhiam todos que vinha da Serra. Morei lá um ano e depois vim para cá. Aqui para trás, minha casa foi à terceira. Aqui era só mato. Só tinha mato e a única estrada era perto do terreno da CASAN. Limites dos terrenos eram assim: só puxava uma cerca e dizia aqui é meu. Eu que era mais bravo pegava o maior. Cheguei ali cadastrei a minha e fiz minha escritura de 1400 metros. Tenho minha escritura desde 1990 junto à prefeitura e o cartório. Quando eu entrei na minha casa era só a metade do assoalho. O esgoto não tinha. Era só uma patente. Era só um buraco. A luz nós puxávamos da Dona O. lá de cima. E fomos batalhando. Não tinha rua. Um dia cortaram a minha luz e puxei lá da Rua dos Lageanos que é uns cento e poucos metros. A minha água vinha lá da Clara. Não tinha rua eram uns carreiros. Tinha um riozinho lá embaixo que era um córrego de água hoje é conhecido como vala. E a nossa água vinha de lá. Logo assim foram feito umas 60 casas. Quando juntou as 60 casas aqui na Serrinha veio o despejo para despejar a*

gente daqui. Chegaram a desmanchar duas casas. Nós fizemos até um buraco lá embaixo na estrada para polícia não passar. Isso foi em 1986. Eles vieram com esse despejo dizendo que tinha dono que aqui era da Universidade”.

Sobre essa ordem de despejo há muitas controvérsias, pois alguns moradores atribuem aos políticos da época, outros contam que foram denúncias de moradores dos bairros mais próximos que temiam uma formação de favela na região. Esta situação nos remete a obra de Nobert Elias e Jonh Scotson “Os Estabelecidos e os Outsiders”, o qual retrata conflitos existentes na comunidade de Wiston Parva, localizada nos arredores de Londres. Esta comunidade possuía uma nítida divisão entre os “estabelecidos” que são os moradores que vivem no local desde longa data e os “outsiders” que são os moradores que se mudaram há pouco tempo no local. Mesmo que alguns indicadores apontaram alguns aspectos econômicos e sociais que atribuem uma aparência homogênea, havia essa divisão entre esses dois grupos, onde os “estabelecidos” se julgavam superiores aos “outsiders”. Havia, portanto, um processo de exclusão que era mantido através de fofocas e denúncias feita pelos moradores que habitavam o lugar há mais tempo. O ponto chave é a questão instável do poder, pois a superioridade que os “estabelecidos” mantinham a partir da coesão entre famílias que se conheciam a duas ou três gerações. Os moradores que recém chegavam ao lugar, como eram estranhos tantos para os antigos moradores quanto para os novos, eles não mantinham essa mesma coesão que os “estabelecidos”. “Assim, a exclusão e a estigmatização dos outsiders pelo grupo estabelecido eram armas poderosas para que este último preservasse sua identidade e afirmasse sua superioridade, mantendo os outros firmemente em seu lugar.” (Elias e Scotson, 2000, p. 22).

Ao considerar as associações locais do bairro, a partir da atuação dos “estabelecidos”, é possível observar como funcionam as atividades dentro de cada família ou grupo familiar. Deste modo, é nesta atuação que surgem as fofocas que serviam de obstáculos para integração entre os grupos. Contudo, havia dois tipos de fofoca: A elogiosa que tinha como função apoiar e elogiar as pessoas que faziam parte dos “estabelecidos”. E a fofoca depreciativa que era utilizada para enfatizar os clichês, o estigma que afetava a identidade coletiva dos outsiders. “Um dos determinantes das fofocas costuma ser o grau de competição entre os boateiros que disputam o ouvido e atenção dos seus semelhantes, o qual, por sua vez, depende da pressão competitiva, particularmente a pressão das rivalidades de status. Ao mexericar sobre os Outsiders, consegue-se contar alguma coisa ainda mais desfavorável,

mais escandalosa e ultrajante a seu respeito do que eles ou, noutros casos, quando se consegue mostrar que se é ainda mais fiel do que os rivais ao credo comum do grupo, e mais radical nas próprias afirmações das crenças que fortalecem o orgulho grupal” (Elias e Scotson, 2000, p. 22).

Os conflitos entre os bairros vizinhos atualmente são mais amenos, segundo os moradores. Entretanto ainda há muito estigma com os moradores da Serrinha. As divisões ocorrem até mesmo dentro da comunidade como foi o caso do Condomínio aqui apresentado. A auto-estima de muitos moradores fica abalada com o tratamento que recebem de dentro e de fora da comunidade. O morador Ca. que participou desta pesquisa, sendo um dos mais recentes a ir morar na comunidade, conta-nos como já sofreu com alguns estigmas por ser morador desta localidade e como sentia vergonha de dizer onde morava. Ele veio de Lages há 15 anos. Encontramo-nos casualmente enquanto ele construía uma garagem na frente de sua casa. Ao perguntá-lo se poderia participar da pesquisa ele responde que *“Não posso dizer com precisão como era essa comunidade. Só quem viveu sabe como era isso aqui. A rua era... Na verdade não era rua. Isso aqui era um carreiro. Não passava nada. Nem bicicleta. Por aqui só passava animal. Eu não morava aqui nesta época, mas quando eu cheguei esta rua ainda era assim”*. A Rua de Ca. fica bem no alto da Serrinha, antes das transformações da comunidade Ca. nos conta como era difícil o acesso a sua morada. *“Então a rua era sempre um caos. Eu estava sempre quebrando o carro, sempre quebrando a moto. Até caía às vezes devido à rua ser muito ruim. Material de construção não subia nesta rua. Eu tive que baldiar com balde e carrinho de mão, pois não subia caminhão. A rua era mais estreita. Era a metade dessa ai. Essa rua não dava para encontrar carro. Tinha que esperar para o outro descer*. Uma das preocupações desse morador era em relação às visitas, pois seus amigos não conseguiam chegar até a sua casa. Ele diz que tinha muita vergonha de morar ali, mas sem recursos financeiros não pode se mudar. Ca. parecia estar bem animado com as mudanças que ocorreram ali. Logo quando soube das obras resolveu modificar a sua casa construindo até uma garagem, isso para ele era impossível alguns anos atrás, afinal mal se subia a pé até a sua morada. *“Com a mudança da comunidade eu me senti bem mais cidadão. Me senti bem mais gente, porque eu tinha até vergonha de dizer onde morava. Eu tinha vergonha de trazer um vizinho na minha casa, porque não chegava carro. Se tentasse chegar aqui o carro começava a patinar ou cair num buraco. Agora eu tenho uma rua. Apesar de que essa rua ainda não está no mapa da cidade e dou nome*

da rua, mas eles vão consultar e não acham". A questão da localização das ruas na comunidade é complicada. Não são somente as ruas que foram construídas ou transformadas pelas obras do PAC que estão sem nome. A maioria das ruas não tem identificação e somente os moradores dali que sabem o nome de cada rua. Um dos maiores problemas são os recebimentos de correspondências "o correio deixava a nossa (a minha e de todo mundo) correspondência no bar do seu Osni, mas agora esse barzinho já não existe mais. Agora tem outro barzinho na frente, que passou a ser lá o lugar. Tem uma caixinha lá, onde são depositadas as correspondências. Cada um vai lá e procura a sua. Menos a do posto de saúde. O Posto de saúde faz parte da comunidade, então eles sabem que essa rua existe, mas se eu vou lá no centro fazer uma compra na loja, não dá, porque quando eles vão me entregar aqui, eles não conhecem essa rua. Não sabe onde é. Para cadastro é meio difícil. Então falta legalizar a rua e a numeração das casas".

Durante as entrevistas foi possível observar a percepção que os moradores da Serrinha têm sobre o tema de Revitalização da comunidade através das obras do PAC. Em muitos depoimentos foi possível perceber a esperança que esses moradores depositam nesse projeto. Com a promessa de resolver problemas como de saneamento, moradia, estradas, água e luz e até as moradias que vão ficar mais restritas para construção de novas casas. Como expressa a moradora Do. *"Se alguém trazer algum amigo ou parente para construir, não vai conseguir, porque é um programa que veio para ficar. Eu espero que melhore bastante a partir de agora. A pessoa que mora em área de risco está sendo transferido para outro local e aonde o terreno é pequeno mesmo com a família grande, eles não vão poder comprar mais do vizinho. E eles vão fazer em cima. Tipo dois piso. Vai ser como aquele programa minha casa minha vida ou aquelas casas que o Luciano Huck¹⁴ constrói, vai ser mais ou menos assim. Vai ser aquele padrão. Nos lugares pequenos vão fazer casa que tem conforto. O meu sonho é morar numa casa como aquelas que aparecem na TV".* A casa que D. Do. mora é nos fundos da casa de sua mãe, ao lado mora um irmão com a família. A sua casa foi feita recentemente. De madeira e pequena ainda tem espaço para mais móveis. O sonho de morar em uma casa como as que ela vê na TV, nos remete as representações sociais que antes eram estabelecidas diante da interação entre atores sociais nas suas práticas do cotidiano (MOSCOVICI 1978), hoje os veículos de comunicação

¹⁴ Apresentador de TV que realiza reformas em casas que são sorteadas no programa.

ocupam uma posição privilegiada na organização social e na construção da realidade social, embute uma idéia do que seria belo, certo, prazeroso e confortável. “As representações sociais individual ou sociais fazem com que o mundo seja o que pensamos que ele é ou deve ser. Mostramos que, a todo instante, alguma coisa ausente se lhe adiciona e alguma coisa presente se modifica” (MOSCOVICI 1978). A moradora em seu discurso apresenta uma resposta às intervenções externas que põem em questionamento a identidade coletiva do seu grupo, isto é, para o modo como o grupo de vê e quer ser visto pelos outros.

Somente uma das ruas foi feita pelos contratados da Prefeitura de Florianópolis. As outras ruas e obras foram feitas a partir de mutirão. C. nos conta que foram feitas nove ruas neste sistema de mutirão. *“Para fazer os calçamentos das nove ruas tinha umas regras. Nós íamos fazendo reunião na rua para conversar com os moradores para se comprometerem e irem lá e fazer o mutirão. Eu só podia pedir o material se os moradores se comprometessem a fazer a rua. Tinha rua que os caras começavam muito bem. Depois iam desanimando, sabe? Eu tinha que sair às 7 da manhã de casa e ir chamar: Vamos, venham, venham. Ai a secretaria de obras trazia o material na tarde de sexta para de manhã no sábado eles irem trabalhar. A fiscalização era eu mesma. Tanta a secretaria de obras confiava em mim quanto o pessoal da comunidade. Eu ia chamando para fazer porque na segunda tinha que está esse material colocado na rua. Então tinha umas ruas que eles iam desanimando e outros moradores de outra rua iam ajudar. Só poderia começar calçar a outra se terminasse a que tinha começado”*. Conta C. que organizou e ajuda a fiscalizar as obras do PAC na comunidade. Mas não são somente os homens que ajudaram na construção das ruas e instalações de esgotos. Dona D. também participou *“trabalhei levando lajota carrinho de areia até lá em cima na subida. Eu trabalhei no calçamento junto com os homens. Eu fui ajudar até na outra rua. Eu estava muito ansiosa para melhorar a minha rua. Quando chovia minha casa enchia de barro e passava dois dias tirando barro com carrinho de mão. Roupa de cama, cama, colchão muita coisa jogada fora porque a água encostou de baixo e em cima”*. Para Dona D. as obras do PAC trouxeram um pouco mais de segurança nos dias de chuva. À Luz da teoria de Michel de Certeau (1994) a “arte de dizer” refere-se articulação das narrativas das práticas de uma maneira de fazer textual a partir de procedimentos e táticas próprios. As narrativas destas moradoras retratam o gesto tradicional que as narra as práticas expressando a cumplicidades e as imbricações sociais que ligam a “arte de fazer” com a “arte de dizer” (CERTEAU, 1994 – pg 153).

A água canalizada para comunidade foi instalada recentemente. Assim como o esgoto e a iluminação pública. Na casa do morador Ca., esta infra-estrutura só chegaram com as obras do PAC. *“Hoje a minha água vem de uma rede que passa bem aqui. A CASAN fez com o a obra do PAC. A primeira coisa foi fazer as instalações da água e do esgoto. Na minha Rua não tem esgoto, O meu esgoto vai para rua de baixo, por que lá tem. O meu esgoto passa por dois terrenos para chegar à rede de esgoto lá embaixo. Antes o esgoto era clandestino, agora fizeram com as obras do PAC. Antes era solto lá embaixo na vala. Eu tinha esperança de ser uma rua. Onde o esgoto caía era uma vala cheia de rato. Hoje não da para acreditar que virou uma rua calçada. Não dava para acreditar nas obras do PAC, pois tinha que ser uma obra muito grande e com custo enorme. Não esperava do Governo federal para melhorar o bairro. Isso para mim dependia da prefeitura. E a nossa prefeitura nem as praias eles atendem direito. Imagina se iriam nos atender. Nós nunca tivemos chance”*. Conta feliz o morador com a nova estrutura da comunidade. Contudo, nem todos os moradores concordaram com as obras do PAC. Alguns nos relataram que aumentou o fluxo de carro na comunidade, além de perder espaços de suas casas para a abertura das ruas. No caso de D. O. ela nos conta que *“Eu não estou sabendo de nada dessas obras. Estou até indignada. Sabe por quê? Eu estou com o meu terreno todo atrás aberto. Eu dei um pedaço grande para passar carro lá atrás. Carro não caminhão. Tomaram conta de tudo aqui no meu terreno. Arrombam tudo. Dão coice nos muros. Não acabaram de fazer os muros. Não acabaram! E eu acho assim, para mim essas obras não me beneficiaram. Não mesmo. Dei aquele terreno ali que era até no poste. Eu dei um pedaço grande para fazer uma rua. Concordei como para eles fazerem uma mureta e botar uma tela. Um muro até no final e eles não fizeram para mim. Eles quebraram (jovens que freqüentam a rua à noite) jogam coisas em cima da casa. Até sofá já achei aqui no meu terreno. Essa noite eu não dormir. Tem muito barulho de pessoas que eu nunca vi”*. A fala de D. O. apresenta o outro lado dos impactos de uma transformação na comunidade que altera a sua rotina. Ela saudosa, não se diz contra a melhora na infra-estrutura, mas a sua vontade era de que voltasse naquele lugar a tranqüilidade que há muito tempo se acabou. *“Eu vejo a Serrinha muito bonita. Tem bastante coisa. É perto da Universidade. Tem médico. Tem socorro. Tem pessoas que estão estragando o local. Tem muita gente que ta se mudando daqui, por causa de tiroteio e da droga. Aqui nós estamos em cima de tudo. Acho que cresceu bastante, além da conta. Do jeito que eu estava morando aqui sozinha, eu queria*

assim que tivesse paz! Segurança aqui não tem. A PM não passa aqui. Eles não dão mais conta. Já tem medo". A violência é a questão que mais preocupa os moradores da comunidade. Dona Do. também nos relata a sua insegurança com o aumento da violência no local *"Cada dia que passa é menos segurança. Tem muito jovem envolvido. Ontem mesmo, mataram um jovem aqui em cima. Então para gente que é mãe, né? Às vezes meu filho trabalha até às 8 e pouco da noite. Eu já fico preocupada ligando e perguntando, onde é que você está? Então, enquanto ele não chega em casa não fico tranqüila. Não tem policiamento que circula. Já teve um tempo que sim. Quando teve muita morte aqui em cima, os policiais ficavam no ponto de ônibus. Um mês eles ficaram ali e foi uma maravilha. Então, se fosse assim ou se tivesse um posto policial aqui em cima talvez ficaria bem melhor. Se bem que hoje em dia não dá para confiar muito*". Nessa representação da criminalidade existente no bairro, pode-se perceber a dicotomia entre o começo da comunidade e o que está ocorrendo atualmente. Nos primeiros anos de existência da comunidade, de acordo com os relatos dos interlocutores, a violência era bem menor que percebida nos últimos anos. Para esses habitantes da Serrinha, ainda não há segurança no bairro, a criminalidade permanece como o maior dos seus problemas. Assim, com base na relação com o passado, os problemas vivenciados atualmente apresentam elementos que caracteriza o lugar como violento e temem que este estigma permaneça.

Tradicionalmente, as ações de revitalização estão relacionadas à ação de higienização, mas atualmente, há novas concepções sociais e surgimentos de movimentos sociais em prol do direito à moradia, essa relação tem se modificado. A princípio é possível pensar que as obras do PAC teriam como objetivo a higienização da cidade. Contudo, o momento histórico é outro e as mobilizações sociais em defesa das Comunidades que compõem o Maciço. Cabe aqui uma discussão que Gilberto Velho (1999) apresenta sobre os mecanismos sócio-culturais de insensibilidade destinados a manter distantes os problemas sociais, misérias, do grupo de elite nos ciclos seguros. Se caso esses mecanismos não estejam funcionando de maneira esperada, o poder Público julga necessário a sua intervenção. Como na fala desses moradores foi possível resgatar alguns desses pontos que afligem o Poder Público: manutenção da segurança; a necessidade de expansão comercial, turística, política, o que torna impossível sem atingir as áreas até então desprezadas, ou por interesses políticos, como foi observada diversas vezes na fala da moradora C. e de Seu S.

No entanto, a Serrinha conta com a sua Associação dos Moradores. Formada em 1988, a Associação representa todos os moradores da comunidade. Há uma eleição de dois em dois anos. Eram realizadas reuniões uma vez nos mês. Contudo, atualmente são raras as reuniões realizadas na Casa São José. Conforme explica C. *“São poucas reuniões da associação hoje. Algumas aconteceram na Casa São José. Eu não tenho participando, porque estou envolvida com galpão de reciclagem. Estamos fazendo reunião a cada três meses só para lembrar que existe a associação e que os representantes têm uma missão. Estou mesma envolvida com as reuniões mensais do projeto do maciço. Eu vou porque a comunidade que não vai perde espaço e não pode reivindicar”*. A comunidade está atualmente envolvida com o Projeto de um galpão para lixo recicláveis. A questão do lixo é outro problema que ainda permanece na Serrinha. Há muitos lixo nas ruas e o recolhimento com caminhão da COMCAP (Companhia melhoramentos da Capital) não chega a todas as casas. Todos os moradores que prestaram informações para este trabalho apresentam uma preocupação com esse problema. Segundo a moradora C., com a construção deste Galpão a situação tende a melhorar, pois além de oferecer a opção para esses moradores em reciclar o seu lixo, haverá uma oferta de trabalho para funcionamento deste galpão. Os trabalhadores deverão ser da própria comunidade e terá cursos de conscientização para o tratamento dos lixo ali geridos.

A Serrinha está sendo gradativamente transformada. Ruas/ramificações sendo calçadas, mas ainda há muitas que são de chão batido e outras formadas por escadarias, onde se localiza várias casas e até mesmo igrejas, iluminação, regularização dos terrenos e instalações de água e esgoto nas residências. Nos remetemos a discussão apresentada por Proença Leite (2002), quando o autor usa como exemplo as intervenções do poder público com a intenção de modificar o *uso* de um lugar através de melhorias na infra-estrutura de um bairro do Recife (PE) antigo, Proença Leite apresenta as formas de construção e *uso* dos lugares que carregam uma história e como ocorreu a constituição dos meios em que as ações Públicas, ao modificarem estes lugares, pretendiam apagar uma história popular para imprimir uma história institucionalizada. No caso da Serrinha, trata-se da construção popular de um lugar, onde há moradias e que está sendo modificadas pelas obras do PAC, alterando os sinais de uma história com a intenção de construir outra, sendo construída pelo poder público. No entanto, foi possível perceber nas falas dos habitantes da Serrinha os vínculos com as histórias do seu passado. “Se o que vemos hoje tivesse que tomar

lugar dentro do quadro de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptariam ao conjunto de nossas percepções atuais (...) nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distinguem materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem” (HALBWACHS, 2000 – pg.26). Portanto, a importância da memória coletiva dos habitantes desta comunidade para manter a sua história e sua relação com o lugar. Mesmo que haja transformações realizadas por quem não convive com a realidade do lugar.

4.3. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Apresentadas as narrações obtidas nesta pesquisa faz-se necessário discutir as representações sociais construídas por esses habitantes. Utilizadas como instrumentos metodológicos a teoria das representações sociais (RS) pode ser definida de acordo Moscovici (1978) “(...) entidades quase tangíveis. Elas circulam, cruzam-se e se cristalizam incessantemente através de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano. A maioria das relações sociais estabelecidas, os objetos produzidos ou consumidos, as comunicações trocadas, delas estão impregnados. Sabemos que as representações sociais correspondem, por um lado, à substância simbólica que entra na elaboração e, por outro, à prática que produz a dita substância, tal como a ciência ou os mitos correspondentes a uma prática científica e mítica”. (MOSCOVICI, 1978 – pg.41). A partir desta explicação, nota-se que as representações sociais, além de estarem enraizadas nas relações sociais dos grupos, estão presentes no significado das atuações dos personagens deste grupo. As consequências que as RS oferecem são as ações realizadas pelos indivíduos, os quais, muitas vezes, justificam seus comportamentos.

Compreendida como uma teoria elaborada pelos próprios indivíduos do mesmo grupo para entender e descrever a realidade vivida e atuar sobre ela, é que as representações sociais são construídas pelos moradores da comunidade da Serrinha. Para compreender como estes habitantes percebem sua situação de morador de uma comunidade com casas populares e que está passando por um processo de transformação e na tentativa de resgatar a memória coletiva deste lugar, que a teoria das

representações sociais nos auxiliou na construção dos diálogos desses moradores e suas diversificadas visões de mundo. Além de ajudar no ato de conhecer, analisar e discutir as maneiras que os moradores da comunidade utilizaram para entender e interpretar sua situação diante da cidade de Florianópolis. Abrangendo seus vizinhos, de diferentes classes sociais, os diversos grupos e lugares da cidade. Também nos auxiliou a compreender como percebem suas condições de moradia, de lazer e acesso aos mecanismos que a vida urbana oferece.

Foi fundamental compreender como são representadas a vida e as relações sociais estabelecidas na comunidade desde o período que chegaram ao lugar, nos permitiu utilizar-se da teoria apresentada por Halbwachs (2000) em sua obra *A Memória Coletiva*, a qual serviu para esta pesquisa como instrumento de percepções e interpretações das memórias que ali eram narradas. Neste sentido, as entrevistas apresentaram elementos que foram relacionados com a memória à vida social. A memória coletiva é caracterizada pela experiência destes habitantes em sua vida cotidiana, que são os “quadros sociais” explicados por Halbwachs, os quais são atualizados no ato de lembrar. “Os quadros sociais” são fundamentais na compreensão da forma de como os sujeitos encontram referências para construção de sua identidade, a partir das trocas de saberes e conhecimentos dos símbolos e práticas individuais e coletivas. De acordo com Halbwachs, as nossas lembranças somadas às lembranças de outros, torna-se lembranças coletivas, por exemplo, as ruas, gestos, histórias que dizem respeito a uma ordem de idéias, interesses e preocupações vividas por um coletivo remete-se a lembranças coletivas, porque contadas dentro do grupo como estratégia de fazer o grupo “durar”, permanecendo na passagem do tempo.

Neste conjunto de narrativas apresentadas neste trabalho, foi possível perceber como esses “quadros sociais” através dos relatos trajetórias e histórias da comunidade, se atualizaram dentro do contexto social que se encontram os moradores da comunidade da Serrinha. Mesmo nas lembranças dos tempos mais remotos, foram construídas histórias ricas em detalhes que podem ser esclarecidas, pois não se referem a imagens gravadas, mas a grupos de pessoas que se relacionavam e compartilhavam do mesmo espaço em seu cotidiano.

Para entendermos a percepção destas memórias coletivas que habitantes da Serrinha construíram ao longo da história da sua comunidade, a teoria das representações sociais se encaixa através da maneira que resgatamos as idéias e a forma de pensar que tem esses moradores, conforme explica Moscovici: “A teoria de Representações

Sociais, como se sabe, procura abarcar questões de um fenômeno, sobretudo urbano, em que o homem manifesta sua capacidade inventiva para assenhorear-se do mundo por meio de conceitos, afirmações e explicações, originados no dia-a-dia, durante interações sociais, a respeito de qualquer objeto, social ou natural, para torná-lo familiar e garantir comunicação no interior do grupo e, também, interagir com outras pessoas ou grupos” (MOSCOVICI, 1978 – pg.109). Por ser um conjunto de idéias constituídas coletivamente, as representações sociais auxiliam a entender a transformação da realidade cotidiana e suas dificuldades, como no caso a Serrinha. Importante ressaltar que as RS não são opiniões elaboradas por um só indivíduo, elas surgem da convivência em grupo, de acordos, aproximações, isto é, elas são uma construção coletiva, em que diversificadas concepções foram assimiladas com a intenção de relacionar os diversos elementos da realidade cotidiana.

Sua estrutura pode ser entendida somente em relação a seu processo de formação e transformação; as representações sociais não são um agregado de representações individuais da mesma forma que o social é mais que um agregado de indivíduos. Assim, a análise das representações sociais deve concentrar-se naqueles processos de comunicação e vida que não somente as engendram, mas que também lhe conferem uma estrutura peculiar. Esses processos, eu acredito, são processos de mediação social. (JOVCHELOVITCH, 1994:80)

Os moradores da Comunidade da Serrinha construíram todo um conhecimento lógico e consensual, contendo elementos simbólicos e concretos interligados entre si, os quais foram notados os entendimentos de suas relações com a realidade social em que estão inseridos. E esse conhecimento os direcionam para as ações e as explicações da realidade vivida por eles. É neste sentido que a utilização teórica, tanto das representações sociais quanto da memória coletiva, tornou-se importante para essa pesquisa. Como foi apresentado anteriormente, o objetivo desta pesquisa é resgatar a memórias dos mais antigos da comunidade e analisar como seus habitantes lidam com as recentes mudanças estruturais do espaço público. A partir das entrevistas realizadas, compreendemos quais são as percepções que os moradores tem sobre sua comunidade e as ali constituídas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muitas histórias ainda serem contadas na comunidade da Serrinha e novas que surgirão com o tempo. Para ouvi-las seria necessário mais tempo no campo, mas com as narrações registradas neste trabalho foi possível conhecer uma parte da história dessa comunidade que vive em seu cotidiano transformações e questões que envolvem o âmbito urbano. As obras do PAC ainda não acabaram. Há muitas coisas a serem resolvidas, com a questão do lixo, o qual poderia ter sido mais explorado nesta pesquisa. Os projetos públicos tendem a mudar com o tempo, mas este é um dos desafios de desenvolver uma pesquisa com projeto em andamento. Portanto, ainda é cedo para pensarmos em uma conclusão sobre as obras realizadas, entretanto, também cabe destacar o fato de que não se poderão analisar as mudanças que ocorrem no futuro sem conhecer o seu passado. Daí a grande relevância desta pesquisa.

Um estudo sobre representações sociais, memória coletiva e cotidiano em uma comunidade como a Serrinha, contribuiu para algumas reflexões no método de fazer pesquisa de campo. Contribui para a construção das pesquisas sociais, especialmente no aprendizado da união do diálogo realizado entre teoria e prática. Em todas as entrevistas o campo moldava a direção que esta pesquisa deveria seguir. Talvez por falta de experiência da pesquisadora em realizar trabalho de campo, há possíveis detalhes importantes que escaparam na construção do trabalho, esses detalhes poderiam contribuir na profundidade do objeto pretendido. Houve a percepção da necessidade de passar mais tempo junto às pessoas da comunidade e tentar perceber, através das ações cotidianas, como estes habitantes constroem suas representações em suas relações e na organização de suas lembranças. Contudo, o tempo destinado a esta pesquisa mostrou-se insuficiente para abordar algumas questões surgidas no próprio campo.

A comunidade tem suas regras e a violência ainda é muito presente no dia-dia da Serrinha. Quanto às observações e atuação de campo, houve um cuidado para não construir uma imagem caricata e mitológica desses moradores. Na primeira saída de campo, por muitos momentos, houve um envolvimento acentuado com as histórias contadas por uma das moradoras, e através de muito exercício, as histórias contadas foram dissolvidas a partir da realidade observada. Durante algumas visitas, esta moradora nos acompanhou na realização de algumas entrevistas e houve um cuidado para não haver intervenção nas

narrações dos outros moradores. Com algumas estratégias de campo, a pesquisa seguiu mais independente, após a familiaridade com alguns moradores do local.

Portanto, houve um desafio de seguir além das primeiras impressões e buscar novos elementos para desvendar novas imagens que constituiu a memória coletiva e as representações sociais da comunidade. A metodologia das representações sociais aliadas com alguns métodos adquiridos a partir de leituras de trabalhos de campo desenvolvidos na área da Antropologia Urbana nos permitiu revelar a importância da memória coletiva expressada nas vozes desses interlocutores, as quais estão expostas nas dimensões das narrações ouvidas em relação ao tempo vivido e construído por eles, o qual atravessa o cotidiano, além de ser também produzidos nele. Desafiando a duração das lembranças desse grupo e a reconstrução da memória no momento presente.

Houve muitas tentativas de construir um diálogo com os moradores para elaborar uma pesquisa como esta. Há na comunidade uma desconfiança adquirida por constantes pesquisas realizadas ali, pois poucas levaram seus resultados para os moradores. Além de se sentirem alvo de discriminação por residirem em um local de ocupação irregular que se constituiu fora dos padrões esperados pelos modelos de ocupação urbana. Notou-se que há uma proposta de transformação urbana em áreas como a comunidade da Serrinha para adequá-las aos moldes das cidades “organizadas”, contudo, os atores sociais que ali habitam buscam se manifestar fazendo prevalecer suas posturas seus objetivos sobre a permanência dessa comunidade.

Por fim, ao aderir às histórias narradas por esses moradores e as observações de suas representações sociais produzidas naquele contexto, este trabalho arriscou-se em apresentar a “arte de dizer” e a “arte de fazer” desses moradores ao passo que foram narrando suas histórias e percepções vividas ali até o momento. Foi possível acompanhar parte das preocupações desses habitantes em relação às transformações e sua permanência como comunidade resistindo o tempo e as mudanças. A intenção deste trabalho, portanto, foi de registrar essas memórias reinventadas cotidianamente e resgatadas pelos moradores mais antigos da Serrinha.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Camila Sissa. *Do Passeio na avenida à balada no prolonga: Sociabilidade no espaço público. O caso da Avenida Getúlio Vargas Chapecó (SC)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2009.

BOSI, Ecléa. *Memórias e Sociedade. Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras. 1999.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. Florianópolis. Prefeitura Municipal de Florianópolis. Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis. *Plano Diretor Participativo de Florianópolis, um exercício de democracia direta*. 2007.

FLORIANÓPOLIS - Prefeitura Municipal de Florianópolis. Secretaria de Habitação e Saneamento Ambiental. *Política Habitacional de Florianópolis*, versão preliminar 2002.

_____. Prefeitura Municipal de Florianópolis. Secretaria de Habitação e Saneamento Ambiental. *Programa Aceleração do Crescimento(PAC) Projeto Maciço do Morro da Cruz – Plano de Trabalho*, 2007.

_____. Prefeitura Municipal de Florianópolis. Secretaria de Habitação e Saneamento Ambiental. *Sub-Projeto de Trabalho Técnico Social*. 2007.

FORUM DO MACICO DO MORRO DA CRUZ. Carta Aberta do Fórum do Maciço do Morro da Cruz. 2007.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros. Crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo. Edusp, 2000.

CASTRO, Ricardo V. “Representações Sociais da prostituição na cidade do Rio de Janeiro”. In: SPINK, Mary Jane P. (org.). *O conhecimento do cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*, São Paulo: Brasiliense, 1995.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 10ª ed. 1994.

CERTEAU, Michel de. GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2, morar, cozinhar*. Petrópolis: Artes de Fazer, 1996.

CONEXÕES DE SABERES NA UFSC.
<http://www.prce.ufsc.br/conexoes/> Acesso em 10 de abril de 2011.

DELGADO, Manuel. *El animal público. Hacia una antropología de los espacios urbanos*. Barcelona. Anagrama, 1999.

DELGADO, Manuel. *Sociedades movedizas. Pasos hacia una antropología de las calles*. Barcelona: Anagrama, 2007.

DEVOS, Rafael. *Uma “ilha assombrada” na cidade: Estudo etnográfico sobre o cotidiano e memória coletiva a partir das narrativas de antigos moradores da Ilha Grande dos Marinheiros, Porto Alegre*. Dissertação Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Porto Alegre. 2002.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. *A vocação do etnógrafo na cidade*. RBSE. Revista brasileira de sociologia da emoção, João Pessoa, v. 3, n. 9, p. 329-351, 2004.

ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho. “A cidade como sede de sentidos”. In: *Illuminuras 20 - Paisagens urbanas e as dinâmicas da cultura*. Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://www.iluminuras.ufrgs.br/artigos/2008-20-a-cidade-como-sede-sentidos.pdf>.

ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho. “Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana”. In: *Illuminuras*, vol. 4, n. 7, 2003. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/viewFile/9160/5258>

ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.

ECKERT, Cornelia. “As variações paisageiras na cidade e os jogos da memória. In *Iluminuras 20 – Paisagens urbanas e as dinâmicas da cultura*. Porto Alegre, 2008.

EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1938.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John. *Os Estabelecidos e os Outsiders*, Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2000.

FANTIN, Márcia. *Cidade Dividida. Dilemas e Disputas Simbólicas em Florianópolis*. Florianópolis. Cidade Futura, 2000.

FORATTINI, Oswaldo Paulo. *Qualidade de vida e meio urbano. A cidade de São Paulo, Brasil*. Revista Saúde Pública. São Paulo, 1991.

GRISOTTI, M. *Representações Sociais em Saúde: Soma de propriedades individuais ou propriedades emergentes?* Cadernos CERU (USP), São Paulo, v 15. 2004. P 232-247.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HOMOBONO, José Ignacio. “Introducción: de la antropología social a la antropologia urbana” in *Zainak*. 19, 2000.

HOMOBONO, José Ignacio. “Antropologia urbana: itinerários teóricos, tradições nacionais e âmbitos temáticos na exploração do urbano” in *Zainak*. 19, 2000.

JOVCHELOVTICH, Sandra. Vivendo a vida dos outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARECHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra. Textos em representações sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

LANE, Silvia T. M. “Usos e abusos do conceito de representação social”. In: SPINK, Mary Jane P. (org.). *O conhecimento do cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MACRAE E. Abordagens qualitativas na compreensão do uso de psicoativos. Em L. A. Tavares, A. R. B. Almeida, E. MacRae, O. S. Ferreira & cols. (Orgs.), *Drogas: tempos, lugares e olhares sobre seu consumo*. Salvador: EDUFBA; CETAD/UFBA. 1999.

MAGNANI, José G. C. *Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole*. in: MAGNANI, J.G.C. e TORRES, L.L. (org.) *Na Metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Fapesp, 1996.

MARTINS, Mariana Corrêa. *Relações com espaço: um estudo de caso sobre a implementação das obras do PAC na comunidade do Alto da Caiera dos Sacos dos Limões*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2009.

MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 7. ed. São Paulo. Hucitec, 2000.

MINAYO, M.C.S (org), – *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 2ª ed., 2004

MINAYO, M.C.S. *O conceito de Representações Sociais dentro da sociologia clássica*. In: *Textos em Representações Sociais*. (P.A. GUARESCHI & S. JOVCHELOVITCH, orgs.), pp. 89-111, Petrópolis, RJ. Vozes, 1995.

MOSCOVICI, Serge. *A representação social e psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O Trabalho do Antropólogo*. Brasília/São Paulo. Editora Paralelo 15& Editora UNESP, 1998.

ORLANDI, E. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001

PÊCHEUX. Campinas, SP: Ed. UNICAMP. MALDIDIER, D. *Elementos para uma história da análise do discurso na França*. In: ORLANDI, E. P. (Org.). p. 13-38, 1997.

PROENÇA, Rogério Leite. *Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Mangetown*. Revista Brasileira de Ciências Sociais – Vol.17 n.49. 2002.

PROJETO AÇÃO SOCIAL.
<http://www.paroquiadatrindade.com/acaosocial/> Acesso em 05 de janeiro de 2011.

RECHENBERG, Fernanda. *“Vamos falá do nosso Lami: Estudo antropológico sobre memória coletiva, cotidiano e meio ambiente no bairro Lami, Porto Alegre*. Dissertação Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Porto Alegre. 2007.

SÁ, Celso P. “Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria”. In: SPINK, Mary Jane P. (Org.). *O conhecimento do cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

VALLADARES, Licia. *A gênese da favela carioca. A produção anterior às ciências sociais*. RBCS, vol. 15, n. 44, 2000. Scielo.

VELHO, G. e MACHADO DA SILVA, L.A. “Organização social do meio urbano”. In: G. Velho. *Projeto e metamorfose*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VELHO, Gilberto, “O grupo e seus limites”, in: *Projeto e Metamorfose*, Rio de Janeiro, Zahar, 1999.

VELHO, Gilberto. “Trajetória individual e campo de possibilidades”. In: G. Velho. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

VELHO, Gilberto. *Antropologia Urbana. Encontro de tradições e novas perspectivas*. Sociologia, Problemas e Práticas, nº 59, p.p 11-18. 2009.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura. Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

ANEXO I - Roteiro de Entrevista Utilizada nesta Pesquisa.

1. Onde nasceu?
2. Em que ano nasceu?
3. Em que seus pais trabalhavam?
4. Tem irmãos?
5. Vocês estudaram?
6. Como foi sua infância?
7. Por que veio para Florianópolis?
8. Como se sente em Florianópolis?
9. Como é Florianópolis em comparação com a cidade em que morava?
10. Onde morava antes de mudar-se para a Serrinha?
11. Como se sente como morador nesse lugar?
12. Qual era a situação de moradia quando veio para Serrinha?
13. Como era a sua vida na outra cidade?
14. Você queria sair da antiga cidade? Se sim, por quê?
15. Como conseguiu o terreno na Serrinha?
16. Como era a Serrinha no início? Como você o vê hoje?
17. Como vê as obras do PAC?
18. Sente que sua vida mudou depois das mudanças do bairro? Por quê?
19. Como se sente como morador da Serrinha?
20. Como considera morar na Serrinha em relação ao centro de Florianópolis?
21. Vê a Serrinha como igual aos outros bairros da cidade?
22. Como os outros moradores da cidade lhe tratam por ser morador da Serrinha?
23. Como é tratamento da prefeitura para os moradores da Serrinha?
24. Se sente como participante da cidade? Como? Por quê?
25. Gostaria de morar em outro bairro? Se sim, por quê?
26. Como você define a Serrinha?
27. Acha que a Serrinha tem problemas?
28. Como esses problemas podem ser resolvidos?
29. Quer que seus filhos continuem o morando na Serrinha?
30. Já se sentiu discriminado ou sentiu algum preconceito por morar na Serrinha?
31. Sente que a cidade discrimina as pessoas que moram aqui na Serrinha?

Anexo II - Questionário aplicado nas entrevistas

Local: Serrinha - Florianópolis

Data: _____ Localidade:

() Morador “Chave” - MO

() Agente de Saúde – AS

1. Identificação do entrevistado:

1.1 Nome: _____ idade: _____

1.2 Estado Civil: () solteir@ () casad@/morando junto () viúv@
()

1.3 Escolaridades: **1º grau:** _____ (completo ou incompleto) **2º grau:** _____
(completo ou incompleto. **3º grau:** _____ (completo ou incompleto)

1.4 Locais de estudo: (1º grau).....(2º grau).....(3º grau).....

1.5 Atividades atuais (ocupação profissional principal):

2. História da Moradia

2.1 Moradias anteriores a Serrinha: Local: _____ / Bairro: _____ / Estado

2.2 Há quanto tempo mora na Serrinha?

2.3 Quantas pessoas moram na casa? _____ Idade dos moradores:

2.4 (Se tiver Filhos) Quantos filhos?

2.5 Quantas pessoas trabalham?

3. Saneamento Básico:

3.1 Esgoto: Para onde vai seu esgoto?

Têm algum tratamento (qual)?

3.2 Lixo: Onde você coloca seu lixo?

Tem alguma separação? Qual?

3.3 Água: De onde vem a água utilizada para beber ou cozinhar?

Possui algum tratamento?

Tem outra fonte de água na moradia ou próximo dela?

Existe algum “cuidado” /serviço para que ela possa chegar até sua casa?

4.Perspectiva/ relação com o bairro

1.1 Gosta de morar aqui? Por quê?

1.2 Como é a relação com os outros moradores dos bairros vizinhos da Comunidade? Sofre muito preconceito por morar aqui?

- 1.3 Você considera a comunidade da Serrinha como um lugar tranquilo?
- 1.4 “Antigamente” (trinta anos atrás) como se davam os limites entre os terrenos, ruas e vizinhos?
- 1.5 E atualmente mudou muito? Se mudou, gostou dessas mudanças? Acha que essas mudanças são necessárias? Se sim, por que são necessárias?
- 1.6 Participa da associação dos moradores?
- 1.7 Você acha importantes as decisões e projetos realizados na Associação de Moradores?
- 1.8 Essas mudanças que houve no bairro (recentemente) causaram alguma mudança na sua rotina? Quais?

2. **Histórias/Memórias do Bairro**

Perguntas sobre histórias e relatos do bairro (questões abertas).

3. **Croqui (desenho) da moradia e sua relação com o bairro:** (Fazer no verso)

A) no início (logo que veio morar aqui)

B) hoje – observação da situação atual (relato/sem desenho)

OBS: Desenhar ou relatar

